

UM DETETIVE NO RIO

de Giorgio Pochetti

UM DETETIVE NO RIO

de Giorgio Pochetti

Roma, julho 2012 julho 2014

Todos os direitos literários desta obra são propriedade exclusiva do autor.

INTRODUÇÃO

Estava na varanda do Corcovado durante um pôr do sol mais bonito do que o habitual, diante de mim um espetáculo de tirar o fôlego, a baía de Guanabara e o Pão de Açúcar, a grande lagoa atrás das praias de Ipanema e Leblon, essas montanhas íngremes e únicas em sua forma que se destacam no final da zona Sul, os arranha-céus, a floresta tropical... quando ouvi dois turistas napolitanos comentando assim esse espetáculo da natureza: "Bem, temos que dizer que, depois do golfo de Nápoles, este é um dos lugares mais bonitos do mundo!" Na verdade, há algo que une as duas cidades, maravilhosas vistas de cima e de longe, pequenos pedaços do paraíso terreno, mas também rasgos de um círculo infernal quando você desce e as enfrenta de perto. É difícil dizer de primeira vista se Rio é linda ou feia. Alguns têm a impressão de um soco no estômago, se por algum motivo ficam presos no trânsito da periferia

ou acidentalmente se deparam com uma favela; ao contrário aqueles que veem imediatamente as maravilhas da zona Sul tendem a ter uma impressão positiva. Na verdade, passear por Ipanema ou Copacabana ao pôr do sol, olhando as pessoas se divertindo na praia de várias maneiras, é algo muito agradável. Pode observar as pessoas tomar uma cerveja e perceber que a praia para os habitantes dessa cidade é como um grande bar, um lugar de encontros e diversão, onde è possível conversar com um amigo depois do trabalho, sem ter marcado um encontro, e pode fazê-lo o ano todo, como se vivesse em um eterno estado de férias. No entanto, algo desagradável também pode acontecer. Lembro-me de uma vez que esperei por um ônibus com minha esposa por quase uma hora, em uma área periférica da cidade, para podermos ir ao centro e quando finalmente o ônibus chegou e subimos, após apenas duas paradas, ela me ordenou que descesse, assim, sem me explicar. Como uma cidadã experiente do Rio, ela percebeu que haviam subido alguns malandros e por segurança preferiu descer

sem arriscar. Outra vez, fui imprudente para pegar um táxi às 2 da manhã em um bairro muito popular, Santa Teresa, onde fiquei com uma amiga até tarde dançando samba na rua durante o carnaval. O motorista estava completamente chapado de cocaína e nos levou por ruas escuras, dizendo que precisava chegar a uma estação de abastecimento antes que fechasse e, portanto, precisava pegar ruas um pouco afastadas.

Foi um verdadeiro pesadelo e tive medo de não conseguir voltar para o hotel naquela noite. Meu motorista oficial, que depois se tornou um amigo, me repreendeu muito por ser tão irresponsável, “deveria ter me chamado, mesmo que fosse de madrugada,- disse - eu teria vindo imediatamente”.

Enfim, é preciso tomar cuidado, mas também pode acontecer de dar uma caminhada pela cidade e de repente se encontrar em uma parte da floresta tropical, com macaquinhos vindo ao seu encontro curiosos, ou de fazer amizade facilmente com qualquer pessoa que encontrar na rua. Os cariocas são sociáveis e um pouco

barulhentos, assim como nós romanos. Uma vez fui convidado por um amigo brasileiro que acabara de conhecer para ir com ele de barco em uma pesca noturna. "Então é para sábado, - disse - tá bom? Você vai adorar!" Nunca mais vi aquele cara.

Enfim, podem acontecer muitas aventuras, mas sempre precisa estar alerta, com um olho na frente e outro atrás. É por isso que Rio também é uma cidade muito cansativa. Depois de uma semana quer fugir para um lugar de praia pequeno e tranquilo, onde possa relaxar sem se preocupar com o que pode acontecer. Mas a coisa maravilhosa dessa cidade é que quando está longe dela, enquanto trabalha na Itália ou se aborrece em casa durante um dia chuvoso de outono, ela vem à sua mente de repente, de forma prepotente, e você sente saudades dela, quer voltar lá, para tomar uma cerveja enquanto come sardinhas fritas naquele lugar muito simples no centro, onde se come de pé ao ar livre, ou para ver crianças de 10 anos na praia fazendo escolinhas de

futebol. Sente vontade de voltar mesmo sabendo que vai cansar novamente depois de apenas uma semana.

Rio de Janeiro! Quando está lá quer fugir, quando não está quer voltar. Então parece entender o significado profundo dessa palavra um pouco ambígua e misteriosa, tão querida pelos brasileiros... *saudade*.

I

"Olá , escritório de investigação Johnson & Johnson, quem fala?... O que? Seu marido desapareceu há mais de 48 horas?... Você ligou para a polícia? Ah, entendi... não quer publicidade... pensa que ele foi sequestrado... Hm... tudo bem, vamos lá imediatamente."

"O que há, Mark, outro caso de um marido desaparecido? Não aguento mais esses casos. Esposas ingênuas ou furiosas investigando seus maridos que fugiram com a amante de plantão. Faz meses que não temos mais um assassinato."

"Eu sei, Pinkus, mas você sabe... precisamos desesperadamente de dinheiro. Não podemos escolher."

"Tudo bem, mas é a última vez."

"Vamos lá, se apresse, vamos pegar o carro."

Era um lindo Buick Electra conversível de 1965, vermelho flamejante. Uma maravilha! Meu carrinho favorito. Pinkus, por outro lado, preferia o Ford

Mustang, também um carro respeitável, mas eu fui inflexível. Afinal, eu era o irmão mais velho!

Nossas voltas pelas ruas de Los Angeles sempre terminavam com um maravilhoso hot dog em um quiosque em Beverly Hills, coberto de ketchup ou mostarda. E depois corríamos para o escritório, prontos para um novo caso para resolver.

Passávamos horas em nosso quarto imaginando casos cada vez mais complicados e perseguições intermináveis, mas só nos movíamos alguns metros, eu e meu irmão mais novo Pino, conhecido como Pinkus.

Tudo acontecia num quarto. Algumas vezes tínhamos um tiroteio e às vezes um de nós ficava ferido, mas era só uma coisinha, os riscos do trabalho.

Eu e Pino éramos capazes de jogar de detetives por até duas horas seguidas sem nos cansarmos. Era nosso passatempo preferido. Depois a avó nos chamava para o jantar. Tínhamos nove e dez anos. Naquele tempo eu não podia saber que, quando crescesse, seria um detetive de verdade, mas não em Roma, onde eu morava, nem em

Los Angeles, mas sim em uma cidade que eu nunca poderia imaginar...

II

RIO DE JANEIRO (30 anos depois)

"Cacete! Não consigo encontrar este pó de carambola em lugar nenhum. Manga, uva, abacaxi, acerola, mamão, caju, cajá... tem tudo, tudo menos carambola."

"Desculpe, jovem, vejo que está procurando por sucos em pó" uma velhinha com cabelos brancos com tons de roxo e óculos enormes com lentes grossas que aumentavam seus olhos ao máximo se aproximou do balcão de sucos e logo começou a conversar.

"Se são os sucos em pó que o interessam, eu recomendo a marca Clight, é a melhor! O suco é muito concentrado, tanto que a adição de um litro e meio de água, como está escrito na embalagem, não é suficiente. O sabor ficaria muito forte. Na minha opinião, dá para fazer pelo menos dois litros bons. Em especial, pegue o suco de manga, é delicioso! Quando é dissolvido tem uma consistência

gelatinosa, exatamente como o fruto fresco. Esta marca mudou a minha vida. Desde que descobri não faço mais nada além de comprar. Lembre-se, jovem, manga ou suco de uva. Meu marido adorava. Há dois anos ele morreu, que sua alma esteja em paz. Bebíamos suco de mango juntos enquanto assistíamos a novelas na televisão... *Flor do Trópico* e *Escrava de Amor* eram as nossas favoritas..."

Que povo adorável o brasileiro, sempre tem alguém pronto para te contar a sua vida em poucos segundos, e faz isso nos lugares mais inesperados: enquanto espera no sinal, enquanto paga a conta para um garçom ou procura um suco de fruta em pó no supermercado. Aqui em Rio a gente se diverte. Quando não tenho nada para fazer, vou à praia, as minhas preferidas são Ipanema e Copacabana, e passo o tempo olhando as pessoas enquanto bebo um chopinho. Nunca me aborreço. Posso ver jogos de beach-volley, dois contra dois, ou partidas de foot-volley ou as escolinhas de futebol para crianças. Todas são jogadas na praia e ao mais alto nível. Ou então

me divirto olhando as pessoas que passam pela pista de ciclismo enquanto fazem jogging. Negros super musculosos ou casais de homossexuais que passeiam com minúsculos bichinhos brancos com fitinhos rosa ou mulheres de todas as tonalidades de cor e tamanhos de bunda. Sim, porque aqui em Rio as mulheres têm um belo corpo enquanto são jovens, mas tendem a se estragar à medida que envelhecem e suas bundas assumem proporções extralargas. Aqui está um salutista que faz um smoothie de vegetais e maçã com brotos de lentilha, a nova moda em Rio para ficar saudável. Este aqui, por outro lado, frequenta as academias e bebe suco de açaí que faz crescer os músculos. É um fruto de consistência cremosa e sabor oleoso, cor de ameixa, que tira o apetite por todo o dia por ser tão nutritivo. Isso também mantém a gente saudável e em forma, dizem.

Ficou na moda depois de uma novela que conta as histórias amorosas e pessoais de um grupo de rapazes de Rio que são frequentadores assíduos de uma academia de bairro. As novelas no Brasil fazem tendência. De

qualquer maneira, aqui tudo é saúde, até mesmo os camarões fritos, acompanhados por uma cerveja 'estupidamente gelada'.

Por que eu acabei em Rio fazendo esse estranho trabalho? Uma mulher? Óbvio, mas é mesmo assim.

Eu vivia em Nápoles naquele período e estava desempregado. Era o período da 'fuga dos cérebros'. Os graduados estavam fugindo para o exterior e até os jovens não graduados estavam procurando emprego em outros países, muitas vezes como garçons ou pizzaiollis. Eu estava pensando nisso há algum tempo, mas nunca me decidia, esperava que uma boa oportunidade aparecesse na Itália, sem ter que sair sem rumo, já que sou um tipo previdente. E um dia a oportunidade chegou. Eu estava passando por Roma e fiquei curioso com um anúncio estranho que apareceu no *Messaggero*, na seção 'Anúncios de emprego'.

A mensagem dizia: "Procurando pessoa confiável, disposta a longos períodos em país estrangeiro para fins investigativos. Bons ganhos". Liguei para o número e

marquei um compromisso imediatamente. Encontrei um intermediário, pois o assunto era bastante reservado e os interessados diretos preferiam permanecer incógnitos. Tratava-se de ir ao Brasil, para o Rio de Janeiro, estabelecer-se em um apartamento no bairro de Cosme Velho e tentar coletar o maior número possível de informações sobre uma jovem italiana que morava no prédio em frente. Eu teria a disposição um binóculo, uma câmera profissional e tudo o que precisasse para fazer um trabalho de espionagem (incluindo óculos escuros e barba falsa) ... porque era exatamente isso que se tratava. Não precisava me interessar por quem era essa menina, mas apenas tentar entender o que ela fazia durante o dia, quem frequentava, se tinha relações sexuais e com quem. Eu também deveria segui-la durante seus deslocamentos diários.

Eu teria que enviar relatórios semanais em italiano para uma caixa postal. Se eu notasse algo realmente incomum, teria que enviar o relatório imediatamente. As despesas de viagem, alimentação e hospedagem eram

cobertas. O salário mensal era realmente atraente e o trabalho poderia durar até um ano ou mais. Eu não tinha nada para fazer naquele momento em Nápoles e decidi aceitar, pelo pior, faria uma viagem gratuita ao Brasil. Eles me disseram que preferiam um italiano para esse trabalho, que o fato de ser italiano seria útil para mim e que era melhor um italiano vindo de fora e que não conhecesse muito o Brasil do que um brasileiro que facilmente poderia aproveitar. "Os brasileiros muitas vezes não são confiáveis. Começam um trabalho e depois não o concluem", disse exatamente assim. A coisa pareceu um pouco estranha, mas não achei apropriado de levantar questões, eles pagaram bem e também me deram um generoso adiantamento.

III

Cosme Velho é um bairro tranquilo. Longe da confusão do centro e do movimento turístico da Zona Sul. O prédio ficava em uma praça no final de uma longa rua em subida que começava em Largo do Machado, sob o nome de Rua das Laranjeiras, tornando-se depois Rua de Cosme Velho. Justamente na praça onde estava meu apartamento havia a estação de onde parte o bondinho do Corcovado, o famoso trem para o Cristo Redentor, que domina a paisagem de cima de um penhasco. Do meu balcão eu podia ver o Cristo, a estação, uma pequena favela em uma colina e, em frente a mim, o prédio onde morava a mulher que eu devia vigiar. Eu estava no quinto andar e ela no quarto, mas praticamente estávamos na mesma altura. Os dois prédios não eram muito distantes e usando o binóculo consegui verificar que conseguia focar muito bem até os menores detalhes do seu apartamento; conseguia até mesmo ler os títulos

dos livros nas estantes da biblioteca. Fiz a prova em um par de volumes e li *Anna Karenina* de Tolstoi e *Gorky Park*, um livro que eu também tinha e que era um thriller moderno que acontecia em Moscou. Pareceu-me um par estranho, já que dois livros tão diferentes tinham sido colocados um ao lado do outro. Poderia me dizer algo sobre os gostos e o caráter da garota. Eles foram combinados por pedantismo? Ambos tinham a ver com a Rússia. Mas seria uma maneira bem estranha de catalogar.

Eu precisava pensar a respeito e refletir, tudo poderia ser importante. Eu podia ver a sala de estar, parte do quarto e da cozinha. Ela não estava em casa. Tentei notar coisas mais pessoais, mas fui impactado apenas por uma cafeteira napolitana (saudade da Itália?) e pelos quadros nas paredes que pareciam todos pintados pelo mesmo artista e eram de qualidade discreta. Anotei no bloco de notas todos os objetos que eu podia ver e sua disposição mútua. Eu não sabia exatamente o que eu devia procurar ou esperar encontrar, então anotei tudo, até mesmo a

marca do detergente para pratos na cozinha: LIMPOL da empresa BOMBRIL. Então, como ela ainda não estava em casa, decidi dar uma volta pelos arredores para me familiarizar com a cidade, além disso, estava com fome de lobo. Me apaixonei imediatamente por duas coisas que se podiam encontrar nas lanchonetes, o pão de queijo (pãozinhos feitos com farinha de mandioca e queijo) e os sucos naturais. Nos meses seguintes, tive o hábito de transcrever no caderno as sensações que cada fruto me provocava, à medida que fui experimentando. Naquele dia comecei com manga, uma fruta realmente surpreendente:

MANGA: doce e polposa, mas com um sabor característico de solvente que pode ser sua sorte ou sua desgraça. Exemplo maravilhoso de fusão entre cheiro e sabor, onde o aroma de um solvente, que nunca poderá ser experimentado, se transforma inexplicavelmente em um sabor que só é liberado no momento da mordida, sugerindo talvez a existência de um canal de conexão e

mediação entre as papilas gustativas e os órgãos olfativos. Fenômenos análogos foram encontrados entre a visão e o ouvido. Famoso é o caso clínico de um cara que, todas as vezes que ouvia o quarteto de Mozart em dó menor, pensava no mar e todas as vezes que via o mar, sem perceber, cantarolava um quarteto de Beethoven, o que fez muitos críticos e especialistas em música comparativa se debruçarem sobre os dois pedaços, sem encontrar pontos em comum e chegar a uma explicação lógica. Foi suposto que o sujeito tivesse sofrido danos no hipotálamo e na amígdala devido a uma queda de bicicleta. De qualquer forma, para aqueles que não gostem deste sabor aromático, é recomendado suavizar o efeito misturando seu suco com o da laranja.

Finalmente alguém entrou em casa. Começava meu trabalho de investigador. Era ela! Pelo menos parecia corresponder à descrição que me foi dada dela. Seus cabelos estavam presos em uma trança, usava óculos de

sol grandes. Estava usando um impermeável leve bege, já que o dia havia sido chuvoso, e calças compridas pretas de tecido leve. Assim que entrou no salão, tirou o impermeável jogando-o no sofá. Jogou os óculos na mesa de maneira um pouco brusca. Depois entrou no quarto e tirou as calças e a camisa, jogando-as na cama. Desde que entrou, não parou um momento. Agora ela estava na cozinha de sutiã e calcinha. Abriu o refrigerador, pegou uma jarra de suco de frutas e bebeu um pouco, segurando diretamente na borda. Eu me perguntei se ela usava a mesma marca que a velhinha havia recomendada. Era algo que eu deveria verificar depois, só para saber qual eram seus gostos. Então ela tirou o sutiã e a calcinha e os jogou no chão da cozinha. Ela devia ser uma pessoa muito desorganizada e indiferente às boas regras, um tipo de mulher que sempre me atraiu. Ela não tinha tatuagens no corpo. ‘Que bom!’ - pensei. Eu não gosto de mulheres que fazem tatuagens. Um corpo bonito nunca deve ser estragado. Eu só a conhecia há alguns minutos e já a tinha vista nua! Eu

tirei fotos dela. Então desapareceu no banheiro, provavelmente para tomar um banho.

Escrevi no bloco de notas: 'desorganizada, selvagem, temperamento rebelde, pouco apego às coisas pessoais, exibicionista (as janelas tinham cortinas abertas) ... bonita!'

Devo dizer que não tenho um efeito particular ao ver uma mulher completamente nua se eu não a conheço, mesmo que houvesse uma certa complacência em mim devido ao fato de que eu estava espionando ela. É o efeito *voyeur*. Se fosse uma pessoa conhecida, meu envolvimento emocional seria certamente diferente. De qualquer forma, eu pensei que o trabalho que me foi dado não era tão ruim. Eu sentia que com essa menina teria sido divertido. Ela era bonita e bastante agitada, além de dar a impressão de levar uma vida bem animada. Depois de apenas 5 minutos, ela saiu do banheiro. Ainda estava nua mas com uma toalha usada como turbante cabeça. Eu escrevi novamente: 'cuidado apressado com o próprio corpo, tomou banho em 5 minutos. Em geral, as

mulheres, quando lavam os cabelos, ficam no banheiro por meia hora. O corpo era magro e atlético, as coxas pareciam musculosas, barriga chapada e seios um pouco maiores do que as proporções do corpo, o que a tornava bastante provocante.' Os pelos púbicos eram grossos e confusos, assim como ela parecia ser.

"Uau! - pensei - que resolução esse binóculo tem!" Então, ela vestiu uma camiseta comprida (que chegava até metade da coxa) e pegou o telefone. Não consegui ver o número completo, mas pelos movimentos do dedo, poderia começar com 222, pois pareceu que ela digitou três vezes seguidas a mesma tecla do meio da primeira linha. Eu estava excitado. Até então, só havia brincado de detetives, agora eu estava fazendo de verdade. No entanto, ainda parecia brincadeira. Não sabia o que estava procurando, mas sentia que estava fazendo algo que poderia ser importante. Meus clientes de trabalho devem ter muito interesse e preocupação com essa menina, dado todo o cuidado que tiveram e o dinheiro

que estavam dispostos a gastar, então senti que devia levar meu trabalho a sério.

Anotei no bloco de notas: 'amigo/a cujo número começa com 222'. Que fosse uma pessoa amiga ficou claro pela expressão em seu rosto, pelos sorrisos e pelo tempo que ficou no telefone. Claro, se tivesse acesso a meios mais profissionais, um microfone direcional, um passepartout para entrar no seu apartamento, um gravador aplicável ao seu telefone, as coisas seriam diferentes, mas evidentemente meus empregadores não acharam necessário, eles achavam suficiente eu controlá-la de longe. Naquela noite, Dora (este era o nome que me disseram) foi para a cama com um livro. Pegou da sua pequena biblioteca pessoal *Gente de Noite* de Barry Gifford. Fui verificar na internet imediatamente: "*Gente de Noite - Em um mundo cômico e desesperado, onde o sangue corre a rios e qualquer hipótese de normalidade é definitivamente anulada, quatro histórias de paixão e medo contadas por uma prosa visceral e violenta*". E ainda: "*Barry Gifford: é um escritor, poeta e roteirista*

americano. Seu estilo é reconhecido pelo misto particular de paisagens americanas, filmes noir e loucura literária no estilo 'beat generation'. A menina adora noir e livros de escritores "malditos"! Isso, no entanto, contrastava com outros títulos que eu pude ler nas prateleiras da biblioteca, como *O Vermelho e o Preto* de Stendhal ou *Orgulho e Preconceito* de Austen. "Ela deve ser um tipo eclético" - pensei - "isso fica interessante."

Para aquele primeiro dia era o suficiente, eu coletei uma grande quantidade de informações. No entanto, em uma semana, eu teria que entregar meu primeiro relatório, e esperava poder escrever algo interessante, digamos "inusitado". Eu não queria decepcionar meus empregadores.

IV

No dia seguinte, eu a segui pela rua. Algo me chamou a atenção imediatamente, parecia que estava seguindo outra pessoa em comparação com o dia anterior. Estava vestida de maneira refinada, usava uma pulseira de pérolas no pescoço, vestia um vestido de flores sem mangas, simples mas elegante, e sapatos de salto baixo, provavelmente italianos. Pegou um táxi e eu fui obrigado a pegar outro imediatamente. Em Rio, assim como em Nova York, é possível fazer isso, pois eles passam o tempo todo e até mesmo dizer ao motorista a famosa frase "Siga aquele táxi e não o perca de vista!", exatamente como nos filmes. Normalmente, o motorista faz isso de bom grado, se diverte mais e antecipa a possibilidade de receber uma boa gorjeta. Chegamos a Arpoador, um bairro entre Ipanema e Copacabana. Ela desceu e continuou a pé e eu fui atrás, colado. Depois de passar alguns quarteirões, chegamos a Praça General

Osório. Lá havia uma mulher esperando por ela. Era uma senhora elegante de uma certa idade. Eles se cumprimentaram como velhas amigas. Entraram na Rua Visconde de Pirajá e passaram a manhã vendo lojas (principalmente lojas de moda ou joalherias). Por volta da hora do almoço, pararam no Garota de Ipanema, um restaurante elegante, para um almoço leve. Eu tive a audácia de ocupar uma mesa ao lado delas (afinal, era claro que eu era um "gringo", mas nesse bairro havia muitos e, portanto, não chamava a atenção), de maneira a captar algumas frases interessantes (também estava muito curioso para ouvir a voz de Dora). Peguei uma Skol e um frango à passarinha (pedaços de frango frito com alho, uma delícia!), eles pegaram uma picanha com farofa (o melhor corte de carne brasileira com farinha de mandioca), dois copos de vinho tinto e depois um cafezinho (não confundir com o nosso espresso, que só se encontra na Itália). Prestando atenção, consegui ouvir uma frase que Dora estava dizendo para a amiga: "É um

risco muito grande! Não sei se vale a pena ... passou pouco tempo.”

"Mas não, querida, e além disso, você é tão boa ... quem poderia pensar mal de você." A conversa parecia interessante, mas então foi interrompida pelo garçom e não foi retomada. Neste ponto, preciso revelar um detalhe que havia escondido, eu conheço bem o português. Tenho muitos amigos brasileiros, tanto em Roma quanto em Nápoles, e com eles sempre pude me manter atualizado sobre as expressões mais populares da gíria metropolitana. Eu não revelara isso aos intermediários porque algo me dizia que era melhor escondê-lo, sentia que eles prefeririam um observador 'passivo', alguém que ficasse olhando com seu binóculo o tempo todo sem tomar iniciativas pessoais. De repente, Dora explodiu em risada. Foi tão natural e espontânea que fiquei encantado.

Agora que havia ouvido sua voz, parecia que já a conhecia um pouco melhor e lembrei o seu corpo nu da noite anterior. Agora, a lembrança do seu corpo me

causava um efeito diferente. Gostaria de vê-lo de novo. Quem sabe, talvez fosse possível naquela mesma noite. Depois do almoço, as duas mulheres ficaram por algumas horas na praia, debaixo de uma sombrinha, e depois entraram em um cinema. Era o suficiente para o segundo dia e eu tinha a intenção de chegar em casa antes dela, para poder me esconder com meu binóculo. Enquanto voltava, na esquina de Raul Pompeia com Francisco Sá, vi um mendigo, que provavelmente estava voltando de sua rotina diária de reconhecimento, abrir uma boca de lobo e puxar um fio para recuperar suas roupas cuidadosamente protegidas por um saco de plástico. Era o seu armário pessoal. Depois de se trocar, se encolheu na porta da loja de ferramentas Luiz Carvalho, sua cama, e adormeceu. Em breve, me acostumaria com essas estranhezas do Rio de Janeiro e elas pareceriam totalmente normais para mim. Antes de voltar para casa, parei no habitual quiosque de sucos naturais e, desta vez, experimentei o cajú.

"CAJU: cheiro levemente desagradável, sabor delicioso, com gosto similar a uma pêra doce (também na consistência e cor). O fruto é pequeno e de forma bastante estranha. Presa ao fruto, no topo, está a semente (a característica castanha de caju, que é crocante assada). O conjunto de fruto e semente tem algo de desavergonhado, uma aparência que tem algo de fálico. Depois de beber o suco, o cheiro fica na boca sob forma de gosto (o oposto exato da manga) mas, desta vez, não é mais desagradável. Lembra vagamente o de castanhas."

Por volta das 9 da noite, Dora voltou para casa, mas desta vez seu comportamento foi completamente diferente do da noite anterior. Foi direto para o quarto, fechou as cortinas, apareceu novamente no sofá de pijama, então entrou no banheiro para tomar banho e ficou lá por mais de uma hora, no estilo feminino típico. Depois de ter um lanche leve, pegou Anna Karenina na estante e foi para a cama.

V

Em frente à casa onde morava, havia uma leoa fechada em uma garagem que rugia todas as tardes por cerca de dez minutos, talvez para digerir melhor. Pode parecer estranho? Não, nada é estranho no Rio de Janeiro. Minha vizinha de casa, a senhora Vanir, com quem havia simpatizado imediatamente, me disse com naturalidade que provavelmente pertencia a algum traficante de droga da favela em frente, o Morro de Guararapes, talvez usasse para fazer desaparecer os corpos de rivais de gangues inimigas. "Dizem que até os ossos desaparecem". Para não me sentir menos, respondi que na Itália a mafia usa o ácido sulfúrico. "É mais barato e não deixa vestígios!" "De verdade!", exclamou a senhora Vanir, sinceramente surpresa. Nós, italianos, aqui no Rio ainda causamos reações de admiração verdadeira. O Rio é uma cidade traiçoeira, pega você pela mão e parece que quer te seduzir, depois te rejeita quando menos espera. É

uma cidade que seduz e depois esmaga. Da janela do meu apartamento eu podia ver um belo panorama. Uma rocha escura e lisa que me lembrava da montanha Ayers Rock, sempre envolvida por nuvens de água que escorriam da cima. A grama que crescia nas encostas era de um belo verde claro. Tudo em volta tinham mangueiras, árvores de manga, e depois à direita um denso palmeiral e mais acima, pousadas na cima, dezenas de casinhas que se iluminavam à noite dando a impressão agradável de uma decoração natalina. Era uma favela, claro, o Morro de Guararapes, tudo o que está na cima das colinas é onde vivem os pobres. Perguntei a Vanir se ela conhecia aquele bairro, se já tinha ido dar uma caminhada pela rua que subia para a colina "Parece legal", eu disse. "Não, você está louco! Eu fico em casa. Aqui me sinto segura!". À noite, às vezes se ouviam uns estampidos na colina, como tiros secos. "Talvez sejam fogos de artifício de uma festa patronal", pensei. Bem não, eram os tiroteios, as trocas de tiros do Morro de Guararapes, depois de alguns dias você se acostuma e

eles parecem quase tranquilizadores. Durante uma troca de tiros prolongada, dona Vanir veio até mim toda orgulhosa e disse "Diga a verdade... isso não tem em Nápoles!".

VI

Passaram algumas semanas desde o início das minhas vigílias e já estava um pouco cansado. Mais do que tudo, estava cansado de manter uma atitude passiva e queria dar um salto de qualidade nas investigações. De repente, decidi que entraria furtivamente no apartamento de Dora. Não seria fácil por dois motivos: eu precisava entrar no prédio sem ser visto pelo porteiro (em Rio, todo prédio de respeito tem um porteiro que fica na guarita por 12 horas seguidas e, à noite, é substituído por um colega); precisava arrombar a porta do seu apartamento, de preferência sem deixar marcas de arrombamento. Tive uma ideia genial, embora um pouco arriscada. Pensei em recorrer a algum ladrão da favela do Morro de Guararapes, que ficava à minha frente. Numa tarde, subi a colina, deixando-me guiar pelo rugido da leoa. Encontrei o garagem imediatamente, de onde vinham os rugidos. Perguntei a uma senhora que tinha um ar

bondoso. Ela me disse que a leoa pertencia a um policial, um da Polícia Militar. "Que coisa feia! Melhor esquecer", pensei. Sabia que os da Polícia Militar são frequentemente corruptos e, em alguns casos, mais perigosos do que os próprios traficantes. Decidi desistir, afinal, já tinha mudado de ideia ao ouvir o primeiro rugido da leoa de perto. Mas eu não percebi que já tinha sido identificado por muitas pessoas da favela, certamente chamando a atenção. Um grupo de adolescentes de cerca de 15 ou 16 anos veio em minha direção de maneira um pouco ameaçadora e me cercou. Que porra eu fiz! E agora, o que iria acontecer comigo? Decidi agir de maneira desinibida e impulsiva. De repente, me veio à mente a ideia de fazer uma paródia do malandro carioca, do menino de rua, assim como eu havia aprendido com alguns amigos brasileiros que conheci na Itália. Comecei a balançar os ombros, como se fosse um macaco, exatamente como eles fazem. Eu queria dizer algumas frases em gergo, de forma um pouco aleatória, mas em vez disso, saíram da minha boca

palavras sem sentido: "Guagliù, se vulimm pazzià pazziam... mas nun mettim e mamm miezz!"¹ Não sei como me veio à mente mencionar a mãe, fiquei surpreso também. Houve um momento de confusão. Pensei "Agora eles vão me bater" e, em vez disso, todos começaram a rir e a me dar tapinhas nas costas. Um dos mais novos me disse: "Voce não è mole não". Eu respondi com o polegar para cima: "Valeu!", que é o típico cumprimento carioca. Parecem durões esses garotos das favelas, mas no fundo são ingênuos. Aproveitei o momento favorável e tirei 50 reais (cerca de 20 euros) e disse sem rodeios que precisava de alguém que pudesse me ensinar a arrombar a porta de um apartamento. Eles pegaram o dinheiro sem pestanejar, depois me levaram, entre tapinhas nas costas e "Valeu!", até uma casinha. Era a casa de Almir.

Eu e o Almir nos tornaríamos grandes amigos mais tarde, mas sobre isso contarei mais adiante. O Almir me disse que isso exigiria uma bela quantia, na verdade, no final entendi que só precisava de cerca de 100 reais.

"Amigo - me disse - é algo simples. Pode usar um cartão telefônico ou até mesmo duas simples grampinhas de material de escritório. Claro que a porta não deve ser blindada. Se for, esqueça." Na casa dele, tinha uma série incrível de fechaduras e, por apenas 100 reais, me deu um curso acelerado de arrombador. Fiquei lá por duas horas e já havia me tornado um perfeito arrombador de apartamentos. O Almir se congratulou comigo: "Você é um gringo experiente, um verdadeiro 'malandro' - ele disse - aprende rápido. Venha me ver algumas vezes para tomar uma cerveja."

Voltei ao Cosme Velho muito feliz. Eu havia arriscado muito, sendo um verdadeiro imprudente. Agora, no entanto, a favela em frente e sua leoa não me assustavam mais.

VII

Entrei no garagem. Não foi fácil, pois tive que esperar que Dora saísse de casa, esperando que ficasse fora por pelo menos uma hora, e então entrei no prédio pela janela do garagem. Não podia entrar pela porta do box enquanto saía um carro porque havia câmeras, provavelmente sob controle constante do porteiro. Seria muito arriscado. Então aproveitei uma janela meio aberta, mas mal cabia e do outro lado havia uma queda de dois metros. Decidi que faria isso apenas uma vez e para sair passaria pelo porteiro com naturalidade, como se nada tivesse acontecido. Era um plano absurdo, comparável ao da minha aventura na favela. E se eu quebrasse a perna entrando, saltando pela janela? E se alguém no garagem me visse? E se o porteiro, saindo, percebesse que não me havia visto entrar? Para essa última hipótese, sempre podia contar com o fato de que os porteiros trocavam de turno pela manhã e, portanto,

poderia pensar que eu havia entrado antes do seu turno, quando o outro colega estava lá. De qualquer forma, era um plano arriscado e a cadeia no Brasil não devia ser algo agradável. Esperei o momento propício por 5-6 dias, e finalmente a oportunidade surgiu. Durante o salto pela janela do garagem machuquei muito o tornozelo, uma dor terrível. Mas fingi que não era nada, suspirei e do garagem peguei o elevador para o quarto andar. Cheguei à porta de Dora, precisava agir rapidamente, para que ninguém pudesse me ver. Eu rezei para que não houvesse câmeras também nos andares. Fiquei aliviado ao ver que a porta não era blindada. Tirei as grampinhas e comecei a trabalhar. Almir me ensinou bem e eu fui um excelente discípulo. Levei apenas vinte segundos para entrar e pude ver minha janela da janela do salão de Dora. Uma sensação estranha. Imaginei ver uma figura na janela do meu apartamento me observando com binóculos. Na verdade, era minha fervida imaginação que me fazia ver a mim mesmo em ação, espionando Dora. Eu sabia o que tinha que fazer, planejei tudo com

antecedência e precisava agir rápido, pois não poderia controlar o eventual retorno de Dora. O apartamento era bastante pequeno e, se ela tivesse voltado de repente, eu não teria como me esconder facilmente. Lembrei-me do filme de Hitchcock, *Janela Indiscreta*, quando Grace Kelly entra no quarto do assassino para procurar provas do seu assassinato e é surpreendida pelo homem que voltou repentinamente, sem que James Stewart pudesse avisá-la. Ela pelo menos tinha James Stewart, eu não tinha cúmplices para me ajudar. Talvez eu pudesse ouvir o barulho do elevador. Fui direto para o quarto e vasculhei os gavetões da cômoda. Nem sabia o que estava procurando. Eu só estava curioso. Morbidamente curioso. Queria saber por que me faziam espiar aquela garota.

Na gaveta, encontrei uma embalagem de Roipnol, um medicamento. Anotei o nome e guardei de volta. Depois, entre os papéis, vi uma grande pasta com cartões de condolências pela morte de seu marido, Paolo. Os cartões eram de dez anos atrás e vinham principalmente

de Roma. Então ela havia se casado na Itália e o marido havia morrido. Depois encontrei um certificado de nascimento indicando que Dora Marciano era filha de Mario Marciano e Joselia Martins, ambos brasileiros. Abri o armário e vi algo estranho que, na pressa, não consegui focar. Algo que me escapou naquele momento. Decidi que voltaria a pensar nisso mais tarde. Fui para a cozinha. Abri o refrigerador e vi a jarra com o suco amarelado. Eu também cheirei o suco. Tinha que ser suco de maracujá. "Bom! Deve ser da Clight", pensei. De repente, ouvi o barulho do elevador. "Impossível! Não pode ser ela. Eu só estou aqui há meia hora". O único lugar onde eu poderia me esconder era o mais clássico de todos... debaixo da cama. Corri para lá, esperando que não fosse ela, mas então ouvi a chave girar na fechadura. Ela não estava sozinha, estava com um homem. Eu não podia vê-los de baixo da cama, mas podia ouvir suas vozes e imediatamente percebi que tinham intenções sérias e estavam se apressando. Eles se atiraram na cama, jogando todas as roupas no chão (não eram muito,

algumas camisetas e bermudas e calcinhas) e começaram a se dedicar. Ele era um pouco brutal e apressado, mas ela não parecia se importar. Que sofrimento! Além do medo, não é agradável assistir a um encontro desses debaixo da cama, especialmente se a mulher envolvida é alguém que está começando a te agradar. O homem era bastante ignorante e usava o linguajar típico das favelas. “E aí bucinha cheirosa, me dá vontade de te chupar toda!”

Ela parecia se divertir, brincando com ele. Eu estava suando de medo, temendo que eles pudessem sentir meu cheiro, mas ao mesmo tempo eu tinha uma oportunidade única de conhecer de perto os comportamentos sexuais de Dora. Eu entenderia coisas difíceis de decifrar apenas com o uso de um binóculo, como quanto ela fosse apaixonada, ousada ou se gostasse de falar ou brincar durante o ato sexual. Quando terminaram, eles colocaram os pés no chão ao lado da cama. Pude ver dois tornozelos femininos perfeitos, brancos e delicados, e ao lado outros dois tornozelos, negros, até mesmo negros

demaís, que eram o dobro dos de Dora. Não havia diferença entre o tornozelo e a panturrilha. Ele deve ser um brutamontes. Se ele me tivesse descoberto debaixo da cama, fosse pensando que eu era um ladrão ou um voyeur ou um amante escondido de Dora, o resultado seria sempre o mesmo, ele certamente me mataria. Provavelmente me estrangulando com suas próprias mãos. Se os tornozelos eram tão grossos, como eram suas mãos? Abaixei o lençol e jurei que nunca mais faria uma bobagem desse. Se eu saísse vivo daquele momento, eu iria direto, sem mais fazer besteiras como um detetive americano.

Naquele momento eu queria que Pinkus estivesse aqui para me ajudar. Talvez ele pudesse chamar uma patrulha da polícia ou criar um distração. Por exemplo, tocar a campainha fingindo ser um encanador. Nós sempre inventávamos muitos episódios assim. Foi nesse exato momento que o telefone tocou. Pinkus estava correndo em meu auxílio outra vez? Dora foi atender e atendeu com uma certa frieza, parecia conhecer a pessoa com

quem estava falando: "Sim, sou eu... Não, ela não está aqui agora... Não sei quando ela volta. Provavelmente amanhã... Tudo bem, eu aviso... Ok, até logo, professora". Em seguida, foi para o banheiro, enquanto o homem ficou deitado na cama. Em determinado momento, ele assoou o nariz e secou a mão na perna da cama, a um palmo do meu rosto. Pelo menos ele não assoou no lençol! Quase me tocou. Por um momento, pude ver sua mão... era grossa como os tornozelos!

Entendi que o homem estava ocupado em uma limpeza minuciosa do nariz, era o momento perfeito para rastejar para fora da cama, em direção ao corredor. Eu corria um grande risco, talvez devesse esperar ainda mais, mas por quanto tempo? E se Dora voltasse e eles começassem a transar de novo? Eu poderia ficar debaixo daquela cama até a manhã inteira. Decidi arriscar tudo e sair. Se Dora tivesse saído do banheiro naquele momento teria visto uma cena inusitada: um desconhecido rastejando pelo chão de sua casa enquanto o amante, nu na cama, espirrava felizmente o nariz. Em vez disso, consegui sair.

Consegui escapular do apartamento sem ser visto. Eu havia me safado de novo, mas havia sido um verdadeiro inconsequente, e além disso, se tivesse ficado em posição de observação, poderia ter fotografado o homem e entregue aos meus financiadores, em vez disso, eu só conhecia as mãos e os tornozelos dele.

VIII

A vida em Rio era sedutora, mas eu tinha a impressão de que com o tempo ficaria cansado. Havia algo que me deixava perplexo. Refleti um pouco e cheguei a esta conclusão: nós europeus precisamos, às vezes, olhar para dentro de nós mesmos, somos introspectivos e melancólicos, enquanto os brasileiros olham para fora. Talvez seja por isso que a velha Europa está em contracção, enquanto o Brasil está em constante expansão. De qualquer forma, eu estaria lá por mais um ano, apenas o tempo de concluir meu trabalho, e depois voltaria para Nápoles... para ser desempregado de novo.

"Então, vamos dar uma olhada na internet. ROIPNOL, também conhecido como 'Roophis' - um apelido atraente - pertence à classe das benzodiazepinas. Inicialmente, foi usado em contexto hospitalar em casos de sedação profunda. Tem efeito hipnótico, ansiolítico e sedativo, pois é um indutor de relaxamento muscular e

esquelético. Sua comercialização começou em 1970. No começo, foi usado como amortecedor dos efeitos da cocaína e da anfetamina, depois como ansiolítico e, finalmente, como droga verdadeira, considerando a dependência gerada pelo uso. Sob o efeito do Roipnol (especialmente combinado com álcool ou outras drogas), a consciência é totalmente perdida e não é incomum que essa condição seja seguida por um estado de amnésia. O medicamento geralmente é prescrito para o tratamento da insônia."

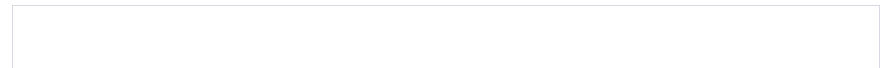
"Ela sofria de insônia ou usava como ansiolítico. Hmm, poderia ser uma informação interessante. E havia outro detalhe que inicialmente escapou de minha atenção, as roupas no armário. Agora que eu pensei sobre isso, algo pareceu estranho. Um gaveta continha roupas bastante elegantes e sóbrias, a outra roupas mais adequadas a um punk, cintos de couro com tachas, jeans com cortes no joelho, meias coloridas estranhas. Era o mesmo efeito dos casamentos de livros na sala de estar. Os clássicos da literatura e a geração beat. Até sua amiga de alguns dias

atrás parecia pertencer a uma classe social bem diferente daquela do grandalhão daquela manhã, pelo menos a julgar pelo seu comportamento um pouco brusco. Mas não se podia dizer, coisas estranhas acontecem no sexo. 'Parecia que nossa amiga gostava dos opostos'.

Era hora de preparar meu relatório semanal. Depois de escrevê-lo, percebi uma coisa. Não havia mencionado o Roipnol. Não havia anexado as fotos onde a retratei nua. Não mencionei minha iniciativa de invadir o apartamento dela. Não falei sobre o relacionamento sexual com o negro com tornozelos gigantes. Enfim, eu estava reticente, era como se quisesse protegê-la ou talvez estivesse começando a me interessar por ela e não quisesse que meus clientes percebessem. A coisa estava se tornando pessoal para mim. Sabia que não era um comportamento muito profissional."

A empresa investigativa Johnson & Johnson certamente não toleraria isso. Lembro-me de que Pinkus uma vez me repreendeu porque eu tinha saído com uma de nossas

clientes, eu tinha ido para a cama com ela. Mas eu o tranquilizei imediatamente: "Foi só sexo, fique tranquilo!", ele então me deu uma piscada e me ofereceu, como gesto de reconciliação, um duplo cheeseburger encharcado de ketchup. Agora eu estava caindo de novo, mas não estava certo se era apenas por causa do sexo. Havia algo vulnerável nela que me atraía muito. E depois de vigiar uma pessoa de manhã até à noite, você se afeiçoa um pouco. Isso aconteceria com qualquer um! Decidi que no dia seguinte eu pegaria um pequeno feriado. Talvez eu precisasse.



IX

Considerarei o meu estado de observador com o metro da mecânica quântica. Eu já havia lido um livro sobre essa teoria da física que havia me chamado muito a atenção. Ao contrário da mecânica clássica, onde, ao medir um objeto em movimento, é possível conhecer com certeza tanto sua posição quanto sua quantidade de movimento, definindo-o completamente, na mecânica quântica isso é impossível porque a própria medição perturba a observação, mudando o resultado. Se se mede a quantidade de movimento de um objeto quântico, como, por exemplo, um elétron, isso pode ser feito, mas ao mesmo tempo sua posição no espaço mudará e vice-versa, se determinarmos com precisão sua posição, não é possível determinar sua quantidade de movimento. É uma propriedade intrínseca da teoria e tudo isso está contido no famoso "princípio da indeterminação de Heisenberg".

Minha situação era comparável. Eu poderia observar Dora do ponto de vista da mecânica clássica, ou seja, sem influenciar em sua vida. Eu poderia me limitar a espioná-la com meu binóculo fazendo meus relatórios semanais. Dora nunca saberia da minha existência e se comportaria exatamente como se eu nunca tivesse existido. No entanto, eu já havia começado a agir de um ponto de vista quântico. Minha intrusão em seu apartamento pode ter criado um ponto de descontinuidade. Minha vida havia entrado em contato direto com a dela, mesmo que ela não tivesse consciência disso. Eu estava em uma encruzilhada. Se eu a tivesse conhecido e encontrado diretamente, eu teria podido influenciar em seus comportamentos futuros, em sua vida. Dependia de mim. Dora era como um elétron deslocalizado em várias órbitas. Meu futuro intervenção poderia ter determinado seu destino.

Sim, eu queria conhecê-la. Eu estava atraído por ela. Certamente eu não poderia revelar isso aos meus patrões

de trabalho, eles com certeza me demitiriam. Isso estava fora de questão.

Estava fazendo essas reflexões enquanto saboreava um suco de cajá no bar/livraria abaixo de minha casa quando de repente uma voz feminina me fez pular. "É italiano?" Ergui os olhos e vi Dora, era ela mesma, sorrindo levemente com ironia e esperando uma resposta. Ela havia me dirigido em italiano e com uma simples pergunta havia criado uma perturbação irreversível em nossas vidas. Ela tinha lido meus pensamentos? Ou talvez ela tenha percebido minha invasão em seu apartamento? "Desculpe - também falei em italiano - como você soube?" "Bem, você está lendo um livro escrito em italiano!" ela disse explodindo em uma risada linda, exatamente como a que eu tinha visto no restaurante de Ipanema e que imediatamente me fascinou. "Claro... como sou idiota! Você também é italiana?" "Sim, sou de Roma... como você, pelo menos é o que entendi pelo seu sotaque. Eu sempre frequento esta

livraria e nunca te vi antes. Eu gosto de tomar café da manhã aqui." "Eu moro em Cosme Velho há pouco tempo. Estou no Brasil para estudar a língua e as expressões gerais. Trabalho na Universidade de Roma." "Prazer, Dora." "Marco." "Posso me sentar à sua mesa?" "Claro! O que posso oferecer?" "O que você está bebendo?" "Suco de cajá." "Então eu também vou pegar um."

"SUCO DE CAJÁ: delicioso, destaca-se por uma certa acidez de fundo, por outro lado agradável, que lembra frutas verdes e deixa na boca um gosto amargo com um vago aroma de gin (é por isso que parece um coquetel alcoólico)."

Por um momento pensei que o encontro com Dora não tivesse sido casual. Talvez ela me tivesse visto em Ipanema, enquanto estava com sua amiga, e percebeu que estava sendo seguida. Ou talvez não. O acaso decidiu por mim. Eu tinha entrado no campo de

influência da mecânica quântica. No fundo, era o que eu queria. Perguntei-lhe o que fazia no Brasil e ela respondeu: "Estou em convalescência de um mau esgotamento nervoso. Pensei que um período de descanso em um lugar completamente diferente poderia me fazer bem. Minha mãe é brasileira e tem um apartamento logo aqui a dois quarteirões daqui. Moro lá sozinha, meus pais vivem na Itália."

Conversamos por muito tempo naquele bar/livraria e, no final, nos despedimos prometendo sair juntos uma noite para jantar.

X

Eu estava em meu apartamento com Carmen. Ela estava dormindo. Observei seu corpo que havia ficado parcialmente descoberto. Do lençol afastado, aparecia uma coxa e parte da bunda. Era de uma beleza surpreendente. A beleza e a sensualidade estavam estreitamente ligadas à posição assumida com naturalidade no sono. Parei para olhá-la e refletir sobre o motivo pelo qual nós homens somos atraídos de forma tão intensa e insistente pelo corpo de uma mulher, motivo pelo qual as mulheres dizem que somos um pouco bobos. Queria tirar uma foto para fixar aquele momento e aquela posição tão lânguida e natural que não conseguiria fazê-la assumir acordada, mesmo depois de cem tentativas. Sabia que corria o risco de tirar aquela foto, se o clique da máquina a tivesse acordado, ela ficaria furiosa, tinha certeza, teríamos uma briga, ela faria apagar as fotos e talvez até me deixasse. Mas arrisquei mesmo assim e durante o clique dei uma

pequena tossida para cobrir o ruído. Carmen era uma menina imprevisível, sempre sujeita a repentinos mudanças de humor. Quando era alegre, era irresistível, mas se por acaso você dizia algo errado, ela ficava brava por toda a noite. E era ciumenta. Quando eu tinha contado sobre Dora, tinha feito um escândalo: "Você precisa escolher. Ou ela ou eu. É muito fácil assim. Você precisa escolher agora. Te dou trinta segundos. Cuidado, se escolher Dora, eu vou embora e você não me vê mais." Eu, claro, escolhia ela, mentindo, mas no fundo ela sabia muito bem que não era verdade, que eu continuaria a ver também Dora e quando estava de bom humor, ela também aceitava, limitando-se a alguns comentários sarcásticos.

"Sua esposa elegante nunca usaria meu linguajar grosseiro, certo? Ela é chique... só frequenta as praias de Leblon... mas diga a verdade, ela faz essas coisas para você...?"

"Carmen, pare, está me irritando com seus pelos ásperos, e me incomoda as bochechas. Sabe que tenho pele sensível, sempre fico com eritema."

"Pobre, depois toma um anti-histamínico e tudo passa, você verá."

"Carmen, pare de se esfregar, estou lendo. Não no nariz, vai me sufocar. Vamos, não podemos fazer isso depois?"

"Eu imagino vocês na cama, ambos com seus pijamas arrumados, cheirando a lavanda, bonitinhos, lendo seus romances e depois adormecendo no livro, roncando."

"Pare, não é assim e não gosto de ouvir você falar de Dora. Temos que sempre falar dela? Parece que está obcecada por ela!"

"Acho que Dora vai ter uma má sorte. Tenho uma sensação... talvez sufocada ou morta por uma overdose de caipirinha."

"Basta agora!" Fechei o livro de repente e pulei em cima dela.

Fazer amor com Carmen era exaustivo. No final, eu tinha vontade de um suco de açaí para recuperar forças, ou logo depois descíamos embaixo de casa para o Rei do Galeto. Não havia nada melhor depois de fazer amor do que comer um frango frito acompanhado de uma Bramha 'stupidamente gelada'. Depois, tínhamos os dedos untados e nos lambíamos felizes. Com Carmen era assim, não havia como se entediar. Ela vinha me visitar duas vezes por semana. Um dia, eu confessara que espiava Dora. Eu sei, não era legal ter lhe dito, mas não resisti. Ela quis de todo jeito ver com o binóculo. "É um trabalho incrível!" Eu a tinha feito jurar manter o segredo, senão... zac! Havia feito um gesto de cortar a garganta. Carmen sabia que era um detetive amador e gostava disso em mim: "Eu gosto de pessoas que fazem coisas de amadores", me dissera, "você também faz amor assim" e começou a rir com seu jeito desengonçado. "E

eu gosto de você porque você é um pouco convencional", lhe disse. "Veste de forma convencional. Sempre com aquelas fivelas de ferro e jóias baratas." Na verdade, eu amava como ela se vestia.

"O que você encontrará nessa Dora... parece uma mulher fria".

"Mas a conheci antes de você, então ela tem prioridade. Você fica com ciúmes, mas se Dora soubesse que estou com você... não consigo nem imaginar qual seria sua reação. É exatamente isso que me assusta, que eu não consigo imaginar. Você é mais previsível."

XI

A primeira vez com Dora foi no seu apartamento. Eu tinha uma sensação estranha, afinal, já tinha imaginado aquela cena, ou melhor, tinha imaginado debaixo da sua cama. Agora eu estava em cima, definitivamente em uma posição mais invejável, mas enquanto fazíamos amor de repente tive a vontade de olhar debaixo da cama, tinha a sensação de que encontraria um cara com pernas enormes. Puxei as cobertas rapidamente e... nada. Não havia ninguém debaixo da cama. Dora observou a cena confusa, eu estava muito agitado. Instintivamente abri o gaveteiro ao lado da cama e peguei o frasco de Rohypnol e engoli uma pílula, sem água. Dora me olhou estupefata. "Marco, o que houve contigo? Você enlouqueceu? E como sabia que havia um frasco de pílulas no gaveteiro?" "Não sei, fiz isso de forma instintiva. Sempre há um frasco de alguma coisa no

gaveteiro ao lado da cama." "Mas você sabe o que tomou?" "É um tranquilizante, não é?" "Bem, é mais do que um tranquilizante, é um potente sedativo. Eu usava para o meu esgotamento. Ainda guardo no gaveteiro, nunca se sabe." "Então eu peguei a coisa certa." "Espero que não te cause mal, é coisa muito forte. Na América é proibido. Ei, é dependente de drogas?" "Não, não, fique tranquila! Estava apenas um pouco agitado. Tive a impressão de que alguém estava nos espionando debaixo da cama." Olhei através da cortina para a janela do meu apartamento e vi um homem nos observando com binóculos. Dessa vez eu vi claramente, não era uma impressão. Talvez fosse o Rohypnol fazendo efeito? Talvez provocasse alucinações. Adormeci pouco depois e pela manhã não me lembrava de nada, exceto que deve ter feito uma besteira com Dora. Mas ela foi compreensiva e me deu uma segunda chance pela manhã, que foi definitivamente melhor.

Dora era uma pessoa tranquila, parecia muito calma. Dava uma sensação de segurança. Era uma daquelas pessoas que quando você está com elas faz você se sentir sereno, em perfeita harmonia com o ambiente ao seu redor; uma dessas pessoas com quem você dorme bem à noite, com quem você gosta de dormir bem juntos. Eu não sei por que eu não me contentei em ficar só com ela e frequentei também a Carmen. É que quando eu conheci a Carmen, eu não consegui resistir, ela era explosiva. Dora talvez fosse mais fria, mas quando conseguia fazê-la rir, percebia em seu interior outra pessoa. Seus sorrisos expressavam seus verdadeiros sentimentos. Estava apaixonado por ela, mas não conseguia resistir a Carmen. Além disso, eu estava violando todas as regras profissionais. Em meus relatórios semanais, que eu redigia com certo pedantismo, talvez para esconder meu descuido, era mais que reticente. Dora não sabia de Carmen e eu nem lhe havia dito que estava a espionando em nome de desconhecidos. Talvez devesse ter dito a ela? Meu Deus, em que confusão eu me meti!

XII

Eu tinha o rosto esmagado no calçamento, uma mão me segurava sem possibilidade de movimento. Tudo aconteceu de repente, à noite, enquanto eu estava voltando para casa. Só conseguia ver a parte inferior da pessoa que me derrubou. Reconheci imediatamente! Eram as duas pernas grossas negras do gigante. Entendi imediatamente que eu estava ferrado. As pernas pertenciam a quem certamente seria meu futuro assassino. O negro me fez levantar torcendo meu braço, agora eu podia olhar nos seus olhos. Parecia monstruoso. Tinha o rosto de um bandido e um pescoço de proporções gigantes. Ele me disse: "Agora você acabou de se foder com a minha namorada." Eu tentei timidamente negar: "Qual namorada? Talvez você esteja se confundindo com outra pessoa." "Não brinque comigo, te vi com Carmen." "Carmen? Eu estou com Dora, está se enganando." Por um momento ele pareceu

desorientado, mas foi apenas um momento, então me empurrou para a frente, ainda torcendo meu braço. "Você é mesmo uma merda!", disse. Na rua não havia ninguém e duvido que alguém me ajudaria. Fomos para o Morro de Guararapes. Era escuro como breu. O brutamontes não falava, nem parecia muito irritado, uma calma fria transparecia dele e isso me assustava ainda mais. Ele seguia um desenho preciso, temia que já tivesse tomado sua decisão. Me levaria para a favela para me matar e depois faria desaparecer meu corpo. Reconheci os lugares onde estive algumas semanas antes. Passamos pela garagem da leoa, mas agora tudo estava silencioso.

Ele me levou a um campo atrás de uma cabana, amarrou minhas mãos atrás das costas e então colocou uma série de pneus de carro na minha cabeça até que eu ficasse completamente preso. Apenas a minha cabeça estava visível. Eu já havia visto essa cena, em um filme brasileiro sobre outra famosa favela do Rio e seus traficantes de drogas, eu já sabia como seria. Aquela

cena do filme me impressionou muito. O chefe dos traficantes, um rapaz que se chamava Bahiano, tinha que punir dois jovens pertencentes a uma ONG que trabalhavam na favela. Eles eram dois jovens com boa aparência que não tinham nada a ver com o tráfico de drogas, apenas a culpa de terem involuntariamente permitido que policiais de uma equipe especial se infiltrarem na favela. A menina foi imediatamente morta com um tiro na cabeça, o jovem foi imobilizado com os pneus, borrifado com gasolina e depois queimado vivo na frente do grupo de traficantes. O que me chocou foi a frieza com que fizeram tudo isso, sem sinais de satisfação, como se fosse uma ação normal. E assim, em poucos instantes, eu teria acabado da mesma forma, o brilhante futuro de detetive seria interrompido prematuramente. E apenas porque eu frequentava Dora ... ou Carmen. Enfim, eu morreria por uma das duas ... ou talvez por ambas.

Tornozelos Grossos voltou com um barril de gasolina ... eu acho que ele também tinha visto o filme, ou talvez

fosse apenas uma prática comum por aqui. Eu tendia mais para a primeira hipótese. Bandidos sempre gostam de imitar as façanhas de outros malandros, especialmente se vêem no cinema. Como os do *Clan dei Casalesi* quando imitam Al Pacino em *Scarface*. Eu tinha o cérebro imobilizado, não conseguia pensar. Eu estava com medo de morrer. Nesse momento, Almir, meu amigo arrombador, apareceu e, assim que viu a cena, interrompeu *Tornozelos Grossos* com um tom muito autoritário "Mas o que você está fazendo Sardinha, este é um amigo meu! Deixe ele em paz. Que porra você pensou? Ele também é italiano, quer que a favela se encha de policiais por causa de um de seus caprichos?" Sardinha mudou sua atitude imediatamente, parecia temer o velho Almir. Eu descobriria mais tarde que Almir era o pai do traficante e que, apesar de sua idade, sua autoridade não era questionada por ninguém na favela, ainda menos pelo filho, que era o chefe dos narcotraficantes do Morro de Guararapes. Depois de meia hora, achei-me bebendo cerveja com Almir e

Sardinha, estávamos completamente bêbados e eu ainda tinha cheiro de gasolina. "E aí, mané, estava quase pegando fogo, hein!" Sardinha disse bêbado, me dando uma palmada afetuosa no ombro e explodindo em uma risada alta. Diz-se "gargalhada" em português e é realmente uma ideia, quase como uma "metralhadora". Sua risada se tornou contagiosa porque Almir também começou a rir e a roncar e eu também estava rindo... mas talvez apenas pelo medo que acabou de passar. Como tudo é relativo! Sardinha agora parecia quase simpático para mim, mas não acredito que eu pensaria da mesma forma se ele me matasse.

"Ei amigo - disse Sardinha antes de me cumprimentar e ir dormir - acordos claros longa amizade. Você está com Dora, mas fique longe de Carmen, entendeu? Se não, na próxima vez eu realmente te queimo! Valeu? Você vai ficar queimadinho! " E mais uma gargalhada assustadora.

Então era Carmen quem estava fazendo amor com Sardinha na casa de Dora enquanto eu ouvia tudo debaixo da cama. Antes de ir embora, Almir me perguntou se eu tinha entrado no apartamento com o método que ele me ensinou. "Não, não, não aconteceu mais nada" eu disse, assustado, já que Sardinha se virou com uma expressão interrogativa, e saí correndo antes que me pedissem mais detalhes.

Em três, bebemos dezessete garrafas de cerveja Antarctica. Cheguei em casa cambaleando e antes de ir para a cama pensei: "talvez seja melhor eu pegar um dia de folga amanhã".

XIII

Uma excursão ao Pão de Açúcar.

Existe uma caminhada muito agradável que você pode fazer em Rio, em um bairro central, diretamente abaixo do Pão de Açúcar, é a Trilha da Urca. Você chega à Praia Vermelha, no bairro de Urca e então pega a Pista Claudio Coutinho, o Caminho do Bem-te-vi (pelo nome de um tipo típico de pássaro brasileiro). É uma trilha equipada que acompanha o Pão de Açúcar, entre uma vegetação tropical; abaixo estão as típicas rochas escuras e o oceano, acima você pode ver o bondinho que leva os turistas ao topo da montanha. Durante a caminhada, é comum ver os micos, os macacos tímidos mas também um pouco malvados que habitam a floresta. Essa é a coisa boa dessa cidade, se você se afastar um pouco do tráfego, entra imediatamente em algum lugar reservado e tranquilo, a cidade é cercada pela Mata Atlântica, a Floresta da Tijuca, uma floresta muito complicada, cheia

de pequenas cascatas, de onde pode admirar a cidade de cima e onde pode encontrar animais estranhos como o bicho preguiça, ou pode ver o beija-flor. Na manhã seguinte, fui diretamente lá, embaixo do Pão de Açúcar, para fazer jogging para me relaxar um pouco. Cheguei quase ao final da trilha quando um cara magro, com uma aparência vagamente familiar, puxou minha camisa e me empurrou para sentar com ele em um banco. Era pequeno, mas tinha uma atitude ameaçadora e tinha um olho apontando decididamente para fora. "Você fez um belo problema! Quis fazer sozinho e agora está na merda e me meteu também"

‘E quem raio é agora esse cara!’ Ele estava falando em italiano, mas sua voz tinha um sotaque napolitano pronunciado. Agora o reconhecia! Era o intermediário que havia encontrado em Roma para o trabalho de espionagem.

"Como teve a ideia de tomar essas iniciativas? Poderia se contentar em espiar a garota, ficar sozinho e receber seu

salário, mas não. Tinha que dormir com ela! E agora o que eu conto aos meus chefes? Eles também me fodem. Sou pago por eles para controlá-lo, entendeu? Tenho um apartamento em Cosme Velho exatamente diante do seu e te controlo com binóculos desde que chegou ao Rio. Cada semana eu faço um relatório sobre o que você faz e em um determinado ponto tive que mentir. O que eu devia dizer, que você entra em apartamentos arrombando fechaduras, que se apoderou do chefe dos traficantes de drogas da favela dianteira, que transa com a mulher que deveria estar sendo monitorada? Eu tenho coberto você por mais de uma semana, mas agora é demais, precisa se acalmar, cara.”

“Espere, espere. Eles pagam para você me checar! E por quê?”

“Não sei porra nenhuma. Faço meu trabalho e pronto. É claro que eles não confiam em ninguém. Talvez eles até

me vigiem. Se descobrirem o que você está fazendo, nos demitirão a ambos... entendeu?”

“Entendi... ou seja, não entendi nada. Quem é Dora de verdade? Por que eles estão a monitorando?”

“Não sei. Só sei que há alguns anos ela matou o marido, acho que é louca... louca de mente, entende? Agora vamos fazer assim, preparei o próximo relatório que você deve enviar para a caixa postal, aqui está. Não faça besteiras, confie em mim. Também enviarei um relatório falsificado, espero que não sejamos pegos porque não tenho certeza de que ficarão satisfeitos em nos demitir apenas.”

“Mas quem eles são?”

“Sei lá. Mas são perigosos, caso contrário não seriam tão cuidadosos. Agora tenho que ir, é melhor não nos verem juntos.”

“Espere, me diga mais uma coisa. Era você o cara que me espiava com binóculos do meu apartamento enquanto estava com Dora?”

“Era” e saiu com um sorriso cretino no rosto. Ele tinha visto todos os meus joguinhos eróticos na cama de Dora e quem sabe como se divertiu... aquele porco! Mas agora que penso nisso, eu também deveria ser um pouco pervertido. Quando percebi o homem com o binóculo nos espionando, não fechei as cortinas!

XIV

Relatório semanal sobre a vida de Dora. Caixa Postal 1325 Rio de Janeiro.

Dora é uma pessoa rotineira. Todas as manhãs ela toma café da manhã na livraria/bar Babele, a duas quadras de sua casa, sempre sozinha. Uma vez por semana, ela encontra uma amiga idosa em Ipanema e almoça com ela sempre no mesmo restaurante, a Garota de Ipanema. Parecem velhas amigas, conversam, vão à praia e às vezes ao cinema. Ainda não consegui descobrir o nome da amiga e o que ela faz na vida. Presumivelmente ela está aposentada. Em casa, Dora lê muito e passa muito tempo no telefone. Não bebe bebidas alcoólicas. Não parece ter um namorado. Não recebe amigos em casa. Duas vezes por semana, pela manhã, ela frequenta aulas de psicobiologia e neuropsicologia na Universidade de Rio na Rua São Francisco Xavier, no bairro Maracanã.

Não aconteceu nada digno de nota. A garota leva uma vida muito normal aos limites da monotonia.

XV

Quando ele era jovem, era intimidado por causa de seus tornozelos largos. O chamavam de *Tornozelos*. O pai tentou ensiná-lo a arte do arrombamento, mas ele tinha dedos muito largos para lidar com as ferramentas do trabalho, preferindo ser um assaltante. Uma vez tentou assaltar um taxista à noite. Eles eram dois, armados com uma arma, tinham 16 anos, mas não contavam com o taxista que, na verdade, era um policial que, à noite, complementava seus rendimentos dirigindo o táxi de um amigo. O policial, aproveitando um momento de distração dos meninos, pegou sua arma escondida e desarmou seu companheiro. Ele ficou em pânico e pulou do táxi, deixando o amigo nas mãos do policial. Mais tarde descobriu que o policial havia levado seu amigo para uma área periférica da cidade e o havia matado com dois tiros na nuca. Uma verdadeira execução. Era também um aviso para ele: "Cuidado! Não venha me incomodar de novo e não me procure, senão você vai

acabar como seu amigo". Sardinha esperou dois anos antes de se vingar do policial. Não era tanto uma vingança pela morte do amigo, pois provavelmente teria feito o mesmo com o policial depois de assaltá-lo, mas ele não suportava a humilhação de ter sido enganado de maneira tão idiota por um policia. Na hora certa, quando menos se esperava, ele pegou o policial enquanto dirigia seu táxi e o esmagou com suas mãos gigantes, as mesmas que todos o intimidavam. O policial cometeu um erro grave ao não tê-lo matado junto com o amigo, um erro que ele certamente nunca teria cometido. De qualquer forma, ele descobriu que não tinha talento nem para o arrombamento nem para os assaltos. Descobriu, por outro lado, que tinha certa habilidade na venda de drogas. Em pouco tempo se tornou o chefe do ponto de venda de drogas na favela de Guararapes. Ficou famoso na favela porque matou todos aqueles que o intimidavam quando era jovem, chamando-o de *Tornozelos*; a partir daquele momento, se tornou *Sardinha*, o líder incontestável da comunidade de Guararapes

XVI

"Carmen, talvez seja melhor a gente não se ver por um tempo. Aquele traficante que você às vezes frequenta me ameaçou, chegou a querer me matar. Prometi a ele que não iria mais te ver. Desculpa, mas você sabe..."

"Tu é um idiota!", ela me interrompeu bruscamente. A bofetada veio inesperada na minha cara. "E também um maníaco pervertido!" ela jogou para mim as fotos que tirei dela nua na cama. "Vocês homens são todos iguais, não basta fazer amor com uma mulher, querem arrancar a alma dela."

"O que está dizendo? Você não é um índio da Amazônia, olhe que tirar uma foto de uma pessoa não significa roubar sua alma. E eu não sou pervertido, tirei uma foto artística. Estava linda. A coisa mais bonita que já fotografei. Garanto que valeu a pena. Capturei aquele

momento de beleza, daqui a cinquenta anos, olhando essas fotos, eu ainda posso reviver essa emoção."

Carmen pegou meu pinto por cima da calça e apertou com força minhas bolas enquanto me dava um beijo apaixonado que me deixou sem fôlego.

"Adeus meu amor e boa sorte com o 'picolé'. Divirta-se!" O picolé era a Dora. Mas não estava tão frio e estava bonito. Digamos que ela fosse mais sofisticada, mais exigente na cama, mas de um ponto de vista mais intelectual.

Lamentei a perda de Carmen, mas as ameaças de Sardinha não deviam ser tomadas de ânimo leve. E depois de tudo eu ainda tinha Dora.

Já, Dora... uma mulher misteriosa e até perigosa, visto que havia matado o marido. Eu deveria ter deixado também ela e fugido correndo de volta para a Itália, mas estava apaixonado e um homem apaixonado não deixa sua mulher, mesmo que seja perigosa. Um homem apaixonado escolhe arriscar. Deveria ter coletado

algumas informações sobre ela e sobre o mistério do assassinato do marido. Talvez pudesse encontrar algo na internet. Enquanto isso, decidi investigar sobre sua amiga idosa, a senhora de Ipanema. Algo me dizia que aquela mulher sabia muito sobre Dora. Na próxima vez que Dora se encontrou com a senhora, eu as segui em todas as suas idas aos lojas em Ipanema e depois, no tardiamente da tarde, quando elas se despediram, fui atrás da velha senhora, que havia pego um táxi. Eu também peguei um táxi imediatamente. "Siga aquele táxi, por favor". O motorista do táxi se virou para mim com um sorriso de alegria no rosto. Parecia ser a frase que ele esperava há anos.

Ele começou a perseguição dirigindo como um louco e sem que houvesse real necessidade. Em um determinado momento, para evitar o tráfego, ele subiu em uma mureta para mudar de faixa. Eu estava um pouco agitado, mas ele parecia estar mais do que eu. Era como se ele estivesse preocupado em me decepcionar. De repente, o carro começou a engasgar e a perder potência. "Porra! -

ele disse - acabou a gasolina!" O carro parou justo na entrada da Rocinha, a maior favela do Rio e talvez do Brasil, a mais perigosa de todas. Quase como para confirmar as histórias contadas sobre esta favela, assim que saímos do carro, vimos um garoto com o rosto e a camisa todos sujos de sangue, com alguém o puxando pelo braço.

"Deve ter errado - disse-me Luiz, o taxista - se alguém rouba na favela geralmente eles cortam as pontas dos dedos das mãos ou o matam. Neste caso, foi sorte dele. Os traficantes não permitem que haja furtos dentro da comunidade. Por isso, as pessoas que vivem lá se sentem tranquilas. Você sabe que há algum tempo eles ofereceram muito dinheiro a uma parte da população da favela para que saíssem e encontrassem uma casa em outro lugar? Queriam limpar aquela área tornando-a um parque público, tudo porque perto da favela havia uma escola religiosa particular, frequentada pelos filhos de pessoas muito ricas. Bem, quase ninguém aceitou e nada foi feito. Os habitantes preferem viver na favela, é mais

tranquilo, muitas vezes eles não pagam as contas, porque se conectam aos postes de energia elétrica e também nasceram aqui e as pessoas dificilmente abandonam os lugares de sua infância. Espera aqui um momento que vou encher essa lata de gasolina. Volto em um instante."

Luiz desapareceu com sua lata, me deixando sozinho dentro de seu táxi na entrada de uma das favelas mais perigosas do Brasil. Eu estava um pouco nervoso, mas, como ele havia dito, nada aconteceu. No entanto, como ele explicou depois, ele havia feito uma ligação com seu celular para avisar alguém da nossa entrada na favela, como um tipo de pedido de permissão. Mas por que ele tinha esse número salvo no celular? Eu soube imediatamente, quando ele retornou todo contente com sua lata. Ele me disse: "Vamos fazer uma linha?" Ele estava falando de cocaína, naturalmente. Ele colocou duas linhas de pó branco em sua mão e, com uma espécie de palhinha de papel, aspirou uma das narinas, tampando a outra com a mão. Em seguida, ele me convidou a fazer o mesmo. Não sei por que eu fiz isso,

era a primeira vez. Talvez também pelo desejo de não decepcioná-lo. "É muito bom" ele disse "é cortesia da empresa, já que perdemos a corrida. Confesse, o que você acha? Acabei de pegar com um amigo meu junto com a gasolina, ele me deu um preço especial." Na verdade, o único efeito que senti foi uma forte coceira no nariz, enquanto passei quase a noite toda acordado imaginando os enredos mais estranhos em que Dora poderia estar envolvida. Luiz era um motorista de táxi tagarela e viciado em cocaína, e infelizmente dirigia seu táxi quase sempre sob o efeito da droga: "Minha direção fica mais limpa assim", ele havia dito. Ele me contou que frequentava a igreja evangélica do Reino de Deus e que isso havia dado sentido à sua vida. "Oiça, Marco - agora, depois da linha de coca, ele me tratava como velho amigo - o que você acha de comer em um lugar próximo que eu conheço bem, é uma comida a quilo." A mulher havia desaparecido e eu não tinha nada a fazer. Aceitei de boa vontade. Bebemos uma meia dúzia de Skol, mas antes peguei um suco de cacau. Era a primeira vez que

experimentava um. Pensei que fosse uma bebida escura como chocolate, mas era branca como leite.

"SUCO DE CACAU: delicioso! Tem gosto de banana, um pouco menos pastoso, com uma pitada ácida de limão e uma ponta de amargura. O fruto maduro de cacau lembra fortemente a consistência e a suculência das nádegas femininas."

XVII

"Chegou a hora de revelar um detalhe importante da personalidade de Dora que eu havia intuído desde o início, observando certos de seus comportamentos com binóculo. A escolha dos livros em sua pequena biblioteca era, para dizer o mínimo, incomum; metade dos livros cobria os clássicos da literatura, de Tolstoi a Dostoevski, de Stendhal a Celine, de Hemingway a Truman Capote, a outra metade se referia a thrillers de vários gêneros, do noir francês ao splatter americano, o gênero surrealista sul-americano, escritores da geração beat e muitos quadrinhos (encontrei até mesmo um Mickey). Mas os gostos na leitura podem variar muito e é comum que uma mesma pessoa possa ler livros de gêneros muito diferentes. No entanto, também me chamou a atenção como ela dividia suas roupas em gavetas do armário, parecia o guarda-roupa de duas pessoas distintas. E sobre o estilo de vestir em geral, as pessoas tem um gosto mais

pessoal. No início, pensei que Dora vivesse com outra pessoa no apartamento, pensei em uma irmã ou talvez uma amiga. Mas já a observei constantemente por várias semanas e sempre a vi sozinha. Então pensei em uma irmã morta, mais nova do que ela, cujas roupas ela guardava e que às vezes usava, em momentos de forte saudade. Mas o certificado que encontrei na gaveta de sua mesa de cabeceira falava claro, Dora era filha única. Quando a conheci melhor, entendi imediatamente como as coisas estavam."

Em certos dias era Dora, uma mulher refinada social e culturalmente, estudante de psicologia, frequentadora de exposições, museus, lojas de moda e da livraria/bar Babele, embaixo de sua casa. Em outros dias, era Carmen, uma garota punk, bastante audaciosa, rebelde, sarcástica, frequentadora dos narcos da área, dos bares noturnos de Lapa, no centro, e amante de Sardinha, o chefe do Morro de Guararapes. Minha namorada tinha uma personalidade dupla!

Dora era inteligente, rica em imaginação, um pouco fria emocionalmente, metódica, cheia de idéias grandiosas que, no entanto, entravam em conflito com seu conformismo profundo, resultando na sensação de estar sempre um pouco reprimida, sem realização e frustrada no fundo. Carmen, por outro lado, havia se libertado desse conformismo e podia expressar-se como realmente sentia ser. Se tinha um impulso de fazer algo, mesmo proibido pelo senso comum, o fazia sem inibições, não se preocupando em absoluto com o que as pessoas poderiam pensar. Satisfazia também necessidades de baixo perfil, enquanto Dora se considerava intelectualmente elevada demais para permitir-se soltar-se.

Eu havia conhecido Dora primeiro e me apaixonei por ela, mas um dia a outra personalidade se revelou e fiquei atraído por ela de forma fatal. Eu deveria ter me afastado, ter reflexionado sobre o fato de estar brincando com fogo, de ter a ver com uma esquizofrênica, perigosa,

como descobri depois, mas não consegui resistir à oportunidade imprevista e imprevisível, ao fascínio de poder amar duas mulheres em uma.

A doença mental nunca me assustou, pelo menos desde que me convenci de que afeta cada um de nós de perto. O mesmo risco a que me expunha, a oportunidade de me medir com algo maior do que eu, me enchia de emoção. Sabia que era inconsequente, que o que eu estava fazendo era reprovável, mas ao mesmo tempo descobri um lado novo da minha personalidade que eu não sabia que tinha: uma parte de mim era reprovável. Quando percebi que estava lidando com outra pessoa, com Carmen, percebi que ela estava atraída por outros aspectos meus, diferentes daqueles que agradavam a Dora. As duas mulheres, juntas, amavam tudo em mim, incluindo a parte sombria de mim, e isso me dava uma certa sensação de satisfação e segurança. Eu tinha percebido imediatamente que Carmen sabia de Dora e a desprezava, enquanto Dora não sabia de Carmen e ignorava que eu tivesse um relacionamento com ela. Na

verdade, como eu descobri depois, Dora intuiu a existência de Carmen, mas recusava essa intuição porque tinha medo. Era como se tivesse medo de poder ser outra pessoa, aquela não reprimida, sem inibições. Aparentemente, Carmen poderia parecer potencialmente perigosa, mas não era assim. Carmen se desfogava, expunha tudo e ao mesmo tempo se libertava. Dora acumulava e o que guardava dentro aumentava a pressão. Comecei a intuir que isso poderia provocar comportamentos imprevisíveis, mas só tive consciência disso muito tempo depois, quando já era tarde demais. De qualquer forma, na altura da minha inconsequência até então tudo tinha corrido bem, tinha duas mulheres maravilhosas que me satisfaziam em todos os aspectos, até que chegou Sardinha e as revelações do intermediário.

Sardinha não notara Dora, ou talvez a visse, mas não reconhecesse nele Carmen, a sua amante. Ela estava muito diferente, muito além do seu alcance para ser considerada. Ele pensou que Carmen tinha uma irmã

mais velha, e ela o deixou acreditar nisso, mas claro que ele não imaginou que fossem a mesma pessoa. Por isso, pareceu normal para ele que eu frequentasse Dora, ele não suspeitava de nada, o importante era que ele não me visse com Carmen. Nem Dora devia saber da minha relação com Carmen, mas é claro que isso era impossível, a menos que sua doença evoluísse para um estágio diferente. Depois disso, complicou as coisas o intermediário, com sua revelação sobre o assassinato do marido de Dora e o fato de nossos empregadores poderem nos fazer vigiar por outras pessoas e reagir de forma perigosa se descobrissem meu jogo duplo. Como sempre, eu estava em apuros, mas não era algo incomum para mim, parece que eu tenho uma propensão em atrair e me meter nesses problemas.

XVIII

Eu pensei em pedir ajuda a Almir para entender quem eram meus clientes e se havia outros espões por aí, além do intermediário. Já confiava em Almir, ele tinha me salvado a vida. Uma noite fui ao Morro para conversar com ele, tinha levado como presente uma garrafa de cachaça. Lá eu também encontrei o amigo Sardinha (digo "amigo" mais para me livrar dele, porque toda vez que eu via seus tornozelos eu sentia arrepios e naquele dia eles estavam mais inchados do que o normal, talvez por causa das cervejas bebidas). Eu quis me dar uma aparência aos dois brasileiros, para me agradá-los um pouco mais, e disse que prepararia a caipirinha da verdadeira maneira brasileira, assim como um amigo baiano me ensinou em Roma anos antes. "Você corta um limão inteiro em 8 partes e coloca no fundo de um copo. Em seguida, adicione duas colheres de açúcar mascavo. Com um pilão de madeira, comece a esmagar o limão, o açúcar serve como grão para desfilar melhor as fatias. Em

seguida, adicione três dedos de cachaça. Coloque dois ou três cubos de gelo em um pano de algodão limpo, feche o pano segurando-o com uma mão e bata-o violentamente contra uma superfície de mármore. Os cubos devem se transformar em gelo bem triturado. Adicione tudo ao copo e então o toque final, o verdadeiro toque de artista que sempre escapa, mesmo para o brasileiro mais consumado. Coloque-se um copo igual, virado de cabeça para baixo, no primeiro copo, de forma que as bordas coincidam perfeitamente e, em seguida, vire-se tudo de modo que o conteúdo do primeiro copo caia no segundo, mas com todos os componentes em ordem inversa. Acima haverá açúcar e limão, depois cachaça e, por fim, gelo no fundo. Este é o verdadeiro segredo da caipirinha, experimente para acreditar..." Sardinha e Almir pareciam não ter compreendido completamente as subtilezas que eu acabara de explicar, pois esvaziaram os copos de caipirinha de uma vez e logo em seguida pegaram suas cervejas. "Ótima caipirinha, Marquinho, mas ainda

melhor uma boa Skol absurdamente gelada, não acha, mané?" Estávamos na sétima cerveja e eu finalmente havia decidido falar sobre meus negócios quando a porta da casa se abriu de repente, arrombada a pontapés. Dois caras armados com metralhadoras entraram, apontando para Sardinha e o obrigando a segui-los em um Combi estacionado lá fora. Tudo aconteceu em questão de segundos, diante de mim, que fiquei petrificado. Devem ter sido traficantes de alguma gangue inimiga que vieram para um acerto de contas, pensei. Rapidamente me recuperei, não podia abandonar Sardinha ao seu destino. Corri para a rua e, como por um reflexo condicionado, parei o primeiro veículo que estava passando, gritando "Táxi!!!". Parou uma moto, era uma moto-táxi (em Rio existem esses também). Era exatamente o que eu precisava, era mais ágil e mais rápido do que um táxi comum. Poderia seguir mais facilmente os sequestradores de Sardinha.

"Siga aquele caminhão, rapaz!" O motorista se virou com um sorriso cheio de alegria... era Luiz. À noite, ele

dirigia um moto-táxi. "Ei amigo, nos vemos de novo. Tranquilo, desta vez eu não vou deixá-lo escapar." Para chegar mais rápido, pulou diretamente na estrada asfaltada e entrou em um caminho de terra que passava pelos campos e descia pela favela, direto para o túnel Rebouças, três quilômetros de túnel que conectam a zona sul à zona norte da cidade. No meio do túnel, exatamente quando estávamos prestes a alcançar o caminhão, a moto fez uma pernada abafada e parou. "Acabou a gasolina!" me disse. Eu estava irritado como um búfalo, Luiz não achou nada melhor do que preparar duas tiras de cocaína pura... era sua forma de se desculpar. "Amigo, não se irrite, não adianta. Melhor ficar louco com a branquinha." Eu lhe garanto que cheirar cocaína em cima de uma moto no meio de um túnel no Rio de Janeiro às duas da manhã é uma experiência que fica gravada na memória. Luiz ainda se sentia um pouco culpado e me perguntou se eu queria ir com ele na igreja evangélica do Reino de Deus no dia seguinte. "Luiz, passe a cocaína, mas a igreja evangélica não! Eu não poderia suportar."

No dia seguinte, na imprensa, saiu a notícia trágica. 'O corpo de um traficante de drogas da favela de Morro de Guararapes, conhecido pelo apelido de Sardinha, foi encontrado na área do porto. O bandido foi morto com um único tiro na cabeça, no estilo clássico de uma execução, acredita-se que tenha sido uma briga entre gangues rivais.

Embora fosse um bandido perigoso que quase me matou, devo dizer que senti falta de Sardinha, afinal, éramos quase amigos e dividimos a mesma mulher. Lembrei-me de um livro que li sobre as aventuras de algumas gangues de traficantes de drogas na favela Cidade de Deus, do qual também foi feito um famoso filme. Uma coisa que me chamou a atenção sobre esse livro foi que, pela primeira vez na minha vida, não me identifiquei com os protagonistas dessas histórias. Normalmente, em um livro, você sempre se identifica com o herói do livro, mesmo que seja um herói negativo, participa de suas dores e, no fundo, espera que ele se livre. Nesse caso, as

figuras dos bandidos eram tão desumanas que o único desejo que eu tinha era que fossem mortos o mais rápido possível. Na realidade, não é bem assim, quando você conhece de perto um desses indivíduos, como aconteceu comigo e Sardinha, sempre encontra algo humano, cria-se uma pequena cumplicidade que faz você se lamentar de sua morte. Mas talvez isso aconteça apenas se essas pessoas não te causarem forte dor pessoal, caso contrário, provavelmente você não teria piedade.

Fui até Almir para me condolir. Ele me ofereceu uma cerveja e comentou assim: "Era um mau elemento, sempre procurando encrenca. Cedo ou tarde, isso tinha que acontecer. Mas eu não acredito que foi uma gangue rival, isso cheira a queimado de longe. Quero saber quem são esses vagabundos que o sequestraram e para quem estavam trabalhando. Tenho meus informantes, não será difícil rastrear o mandante."

XIX

"Sra. Pinto, gostaria de conversar com você sobre Dora. Sei que vocês são amigas. Eu sou Marco, o namorado dela." "Sim, sei quem é você. Dora me falou sobre você. O que quer saber?" "Queria saber sobre a doença de Dora." "Dora é uma estudante do meu curso de psicobiologia, nos conhecemos naquele momento e tornamo-nos amigas. Só depois soube sobre sua doença..." "Ela pode ser perigosa? Sei que ela matou o marido." "Acredito que na época nem tenha se dado conta. Teve todas as atenuantes possíveis e foi internada por sete anos em uma clínica psiquiátrica. Perigosa? Acredito que seja tão perigosa quanto podemos ser nós, considerados 'saudáveis'. Um marido 'normal' que bate na esposa ou um motorista em delírio de onipotência cortando a frente de outro motorista que o fez uma gafe, seriam menos perigosos? Somos todos perigosos." "Claro. Acho que entendi o que você quer dizer."

"Você não entende absolutamente nada, mas o fato de ainda estar com Dora mesmo sabendo de sua doença é algo que a torna... simpático. Quem sabe, talvez você seja mais perigoso do que Dora, mas pelo menos não é superficial."

"Acho que sou mais perigoso principalmente para mim mesmo. De qualquer forma, amo Dora. Escute, queria perguntar... na sua opinião, Dora é consciente de sua doença? Ela se dá conta de que Carmen existe? Sei que Carmen sabe da existência de Dora, mas não tenho certeza do contrário."

"Dora sabe que está doente. Às vezes, é obrigada a tomar o Roipnol para se acalmar e esquecer. Acredito que ela sinte a existência de Carmen e, de certa forma, a proteja, como se Carmen fosse sua irmã mais nova, a irmã que ela poderia ter tido. Às vezes, ela fala sobre isso com apreensão ou com um tom de repreensão afetuosa. No entanto, falar sobre isso causa-lhe dor e para se defender ela esquece. É um mecanismo clássico de proteção. O fato de começar a falar sobre isso é positivo, significa

que ela está começando a aceitar essa outra parte de si mesma. Quando ela estiver completamente consciente, significará que sua doença estará estabilizada. Aceitar a si mesmo em todas as suas facetas é uma coisa boa, não acha? Comigo, no entanto, sempre é apenas Dora. Carmen eu nunca conheci pessoalmente.”

“Acha que ela pode se curar?”

“Curar? Acho que todos nós somos um pouco esquizofrênicos. Você pode afirmar ter uma personalidade coesa? Afinal, a doença é nossa salvação. A diferenciação da personalidade tem o mesmo valor precioso da diferenciação genética.”

Eu percebi que a professora Pinto devia ser um tipo bastante original e que não seria fácil obter informações confiáveis sobre Dora de sua parte. Cumprimentei-a cordialmente e pedi um táxi para voltar para casa. A Sra. Pinto era hóspede do Sheraton, situado no mar no final da praia de Leblon, diretamente abaixo da favela de Vidigal.

Aqui tudo é misturado, onde vivem os ricos, ao lado, vivem os pobres. Quando entrei no táxi, imediatamente reconheci Luiz. “O mundo é pequeno! - ele me disse com um sorriso mostrando todos os 32 dentes (na verdade notei que ele tinha alguns a menos) - Agora que nos reencontramos, eu estava pensando em me desculpar pela última vez. Quero levá-lo a um lugar incrível. É uma surpresa. Confie em mim.”

Eu não sabia se eu ainda podia confiar em Luiz, mas com ele não havia discussão. De qualquer maneira, ele te levava aonde queria, a única esperança era que não acabasse a gasolina desta vez. Ele passou pelo túnel de São Conrado e saiu em Barra, um bairro um pouco fora do Rio com vinte quilômetros de praias maravilhosas. De lá, pegou uma estrada muito íngreme que subia uma montanha passando pela floresta de Tijuca. Quando chegamos ao topo, ele estacionou o carro e me disse: "Estamos na Pedra da Gávea, com 842 metros de altura! Aquilo que você vê lá embaixo é a praia de São Conrado. Agora vamos pular de parapente. Não tenha

medo, você vai voar com um instrutor. Ele faz tudo, você só precisa voar!" Fiquei por mais de uma hora olhando as pessoas pulando uma a uma, procurando coragem para fazer isso também. O fato de me causar uma certa apreensão era que o instrutor esperava o momento propício antes de pular, ou seja, que uma bandeira indicasse que havia vento suficiente. Eu tinha os olhos concentrados na bandeira. De vez em quando ela flutuava, então de repente o vento parava e a bandeira caía. "E se, enquanto se pula, de repente o vento para? - perguntei a Luiz - O que acontece? Nós nos espatifamos nas rochas?" Luiz ria. "Não, só precisa de vento no momento do salto, basta durar alguns segundos. Depois de pular, há correntes ascensionais que mantêm você no ar. Tu vai ver como é legal. Eu nunca vi ninguém morrer. Vamos fazer um baseado antes de pular?" Naquele momento preciso, vi o instrutor correndo com um turista na plataforma de lançamento, mas apenas alguns metros antes do salto, o turista ficou com medo e parou. No entanto, o instrutor já havia se lançado e o

resultado foi que ambos rolaram da plataforma para o vazio por 5 a 6 metros, provavelmente se espatifando nas rochas. Eu já os havia visto mortos, mas depois de um tempo eles subiram todos amassados, o instrutor tinha o nariz quebrado, sangrando e xingando o turista. Tomei minha decisão. "Luiz, eu não pulo nem mesmo se você me der a 'branquinha', quero voltar para casa." Fui irredutível. Ao retornarmos, paramos em Ipanema para bebermos uma meia dúzia de Bohemia. Na terceira cerveja, Luiz me disse: "Eu vi você conversando com aquela senhora no Sheraton. Eu a conheço, vi-a na televisão. Ela é uma psicóloga que há cerca de dez anos esteve na prisão porque matou o marido!" Pensei imediatamente em Instinto Básico, lá a psicopata Catherine Tramell, interpretada por Sharon Stone, tinha uma amizade com uma velha senhora que havia assassinado sua família no dia de Natal. Eu estava sendo perseguido por filmes! Quando cheguei em casa, o porteiro me deu um bilhete que lhe havia sido entregue por um velho senhor. Era o Almir que queria me ver o

mais rápido possível na favela. Fui para a cama destruído, pensando em tudo o que passei nos últimos dias. Antes de dormir, tive mais um último pensamento: "O que um idiota fui. Um salto de 800 metros de altura não vai acontecer comigo de novo na vida!" Logo depois, caí em um sono profundo.

XX

Eu tinha amigos legais no Rio: um era um traficante, outro era um ladrão, minha namorada era esquizofrênica, havia um motorista de táxi viciado em cocaína e uma velha senhora provavelmente psicopata, eu e meu intermediário éramos espiões... não tinha um amigo normal. Mas como afirmava a Sra. Pinto, quem pode dizer que é realmente normal?

Eu levemente afastei a cortina e tentei localizar o homem com binóculo. Ele estava lá, não longe de mim, certamente seu trabalho devia ser mais chato do que o meu, pelo menos eu estava vigiando uma garota bonita. Eu verifiquei de novo para ver se havia alguém vigiando o intermediário. Afinal, poderia ser uma cadeia sem fim, havia algo de insano neste sistema de controles cruzados estabelecido pelos meus empregadores. "A" controlava "B" (que era eu) que controlava "C", mas também poderia haver um "D" espiando "A" e qual era o papel de

"C" nisso tudo? A trama me lembrava um livro que eu li onde algo semelhante acontecia, um detetive particular que perde a si mesmo enquanto passa a vida vigiando um homem; agora eu também fazia parte de um dos personagens desse romance. Eu não fazia nada além de me envolver em enredos de filmes ou livros. Não me importava, mesmo que a trama da minha história estivesse ficando um pouco complicada e eu não tinha ideia de como poderia terminar.

De manhã, subi ao Morro para encontrar Almir. Ele estava claramente animado. "Estamos chegando. Acho que em breve pegaremos os assassinos de meu filho. Quero dizer, os mandantes. Já identificamos os assassinos materiais, eles vêm de fora, de São Paulo. Já os eliminamos. As notícias interessantes são sobre o mandante. Tenho um amigo na polícia, ele identificou as ligações dos telefones dos assassinos. A ligação para comissionar o assassinato foi feita a partir de um telefone fixo, corresponde ao de um escritório da Faculdade de Psicologia aqui no Rio. É de uma mulher!" Tive uma

aperto no coração. Pensei imediatamente em Dora, que estudava na Faculdade, mas então Almir adicionou um detalhe que me tranquilizou parcialmente. "A voz era de uma mulher idosa. Já sabemos quem é, suas horas estão contadas." Então tinha sido a professora Pinto! Não sei por que ela fez isso, mas senti que precisava avisá-la, ela deve ser uma louca psicopata, já tinha matado o marido no passado, mas senti que tinha de protegê-la. Talvez porque era amiga de Dora. Liguei imediatamente para Luiz, agora eu tinha seu contato, e assim que ele chegou, disse a ele para voar para a Faculdade de Psicologia, no Maracanã. No caminho encontramos muito tráfego e, além disso, Luiz teve que parar para abastecer, por algum motivo, seu tanque sempre estava pela metade vazio. Quando chegamos, no entanto, já era tarde demais. Fora da Faculdade havia uma multidão de carros da polícia. Os policiais disseram que uma mulher, uma conhecida professora universitária, foi assassinada. Eles não estavam deixando ninguém entrar, o prédio estava

sob sequestro. Eu estava abalado. Luiz me disse que seria melhor ir para um lugar tranquilo e nos acalmar.

“Me dê ouvidos. É a única coisa sensata que se pode fazer nessas situações.” Enquanto eu estava subindo no táxi, ouvi uma voz me chamando: “Marco, o que está fazendo aqui?” Eu me virei e vi a professora Pinto, de carne e osso. “Professora, o que está fazendo aqui? Quer dizer ... você está viva ... está bem?” “Claro, nunca estive melhor. Venha comigo, talvez seja melhor termos outra conversa. Ofereço-lhe um suco de frutas”. Eu disse a Luiz que queria ficar sozinho com ela. Ele me olhou com uma expressão contrariada, não concordava, mas depois teve que ceder e sair, não sem ter dado uma olhada ameaçadora para a velha senhora.

“Então, qual suco você prefere? Eu recomendo o de maracujá”. Provei. Estava delicioso. “Eu vim avisá-la. Sei de tudo.” “Ah, mesmo? Você é um tesouro!” “Como

você conseguiu escapar? Eles mataram alguém em seu lugar?”

“Eu tinha tomado uma precaução, liguei para os matadores de um telefone fixo, mas não era o meu, era o da diretora da faculdade, uma pessoa realmente detestável. Não pensei que terminaria assim, afinal, havia apenas uma chance remota de me encontrarem pelo telefone, mas precauções nunca são demais, então eu fiz a ligação do escritório da diretora. Eu garanto a você que não foi uma grande perda. Ela tinha ideias absolutamente ultrapassadas sobre a psicologia da personalidade. Ela se casou com as teorias nomotéticas de Holt, em oposição às teorias idiográficas consolidadas de Allport. Pense que, segundo Holt, o idiografismo não poderia levar a mais nada além de uma visão "artística" do homem, longe dos padrões mínimos exigidos pela pesquisa científica. Coisa de louco! Mas agora é água passada. Você gosta de maracujá? É o meu suco preferido, me acalma.”

"Professora, por que fez isso?"

"Mas querido, fiz isso por Dora. Pensei que era o que ela queria."

"Mas o traficante era o namorado de Carmen!"

"Exatamente! Eu te disse. Dora está preocupada com Carmen. Ela me dizia que estava nervosa, na verdade deprimida, porque você tinha dito que era melhor que vocês não se vissem mais. Dora queria ajudar... eu fiz. Agora todos estão contentes! Dora está mais tranquila, Carmen ficará feliz em te ver de novo, o pai do traficante se vingou e você, querido, não está feliz em ver Carmen novamente?"

Seu raciocínio não tinha erro.

Interpretava perfeitamente o papel da amiga psicopata de Catherine Tramell, provavelmente era louca, mas eu

achava terrivelmente simpática. Terminamos nosso suco e nos despedimos com muitos cuidados mútuos.

SUCO DE MARACUJA: sabor muito agradável, efeito refrescante. Dizem que também tem um efeito calmante e faz dormir, por isso é desencorajado antes de uma performance sexual. Eu poderia beber 10 copos sem ficar enjoado. As mousses e tortas são excelentes. É um dos melhores sucos, junto com o abacaxi.

XXI

Quando nos reencontramos em minha casa, ela me abraçou e começou a chorar. Nunca a havia visto assim. Ela sempre fora dura, franca, um pouco irônica ou sarcástica, como a última vez que nos despedimos. Agora chorava sem medo de mostrar sua fragilidade, e eu... não tive melhor coisa a fazer do que pensar que eu queria muito fazer amor com ela. Claro, eu a estava abraçando, consolando, mas a ideia principal em minha cabeça estava principalmente voltada para o sexo. Estava muito excitado. As mulheres têm razão em dizer que nós, homens, somos unidimensional. Acho que é uma questão genética. É sabido que homens e mulheres têm estruturas cerebrais diferentes. Havia lido uma pesquisa realizada por alguns pesquisadores americanos sobre as partes do cérebro masculino que se iluminam ao ver uma mulher nua. Verificou-se que na maioria das vezes são as mesmas partes que entram em funcionamento quando

um homem vê uma loja de ferramentas. Talvez o equivalente para as mulheres seja uma loja de sapatos. Será que a professora Pinto pensaria assim? Prometi a mim mesmo perguntar a ela na próxima vez que nos encontrássemos. Enquanto isso, esforcei-me para ser menos "primitivo" com Carmen e mais sensível, pois era isso que ela certamente queria nesse momento.

Mas não! No meio do choro ela viu o caroço que se formou no centro da minha calça e imediatamente parou de chorar e tirou toda a roupa (no Brasil nunca é demais).

Vá descobrir mulheres!

XXII

"Marco, eu tenho uma irmã mais nova. Ela mora aqui no Rio e às vezes fica aqui comigo, quando precisa de um abrigo. Ela sempre se mete em encrencas, é como uma criança. Às vezes, sinto inveja dela, porque ela faz tudo o que quer, sem escrúpulos, se quer alguma coisa, ela pega. Ela é exibicionista e fala muito palavrões, mas no fundo é tímida. Às vezes, eu gostaria de ser como ela, ter a sua capacidade de expressão e transgressão. Sabe, nós nos parecemos muito. Quero dizer, fisicamente. Às vezes, trocamos roupas e papéis. Ela se diverte a se vestir como eu e a tentar ser eu. Ela diz que gosta de ser uma mulher elegante e burguesa como eu sou. Eu a amo, mesmo sentindo-me muito diferente dela. Agora está em encrencas e eu me sinto muito agitada, porque não sei se posso protegê-la. Ela sempre está em encrencas. Mas não posso passar a vida ajudando-a, preciso viver minha vida. Quando entro nesse estado de agitação, preciso

tomar o Roipnol, você quer uma pílula também? Descobri uma maneira diferente de tomá-lo. Eu engulo duas pílulas com um copo de Coca-Cola, o efeito é surpreendente."

Dora preparou dois copos de Coca-Cola, um para ela e um para mim, e depois engoliu as pílulas. Eu fiz o mesmo. Eu a amava e fazia qualquer coisa para agradá-la. A cena que presenciei depois de dez minutos foi realmente surpreendente. Dora se transformou diante dos meus olhos em Carmen. Eu nunca a tinha visto dessa forma, quando a encontrava era Dora ou Carmen e assim permanecia durante todo o tempo que estava comigo. Eu tinha pensado que talvez ela acordasse com uma personalidade diferente da do dia anterior, nunca tinha pensado em uma mudança tão repentina. A estranha mistura de Roipnol e Coca-Cola tinha esse efeito nela. Agora eu entendi. Quando Dora estava muito agitada e preocupada com Carmen, ela tomava o Roipnol e

simplesmente esquecia de ser Dora; ela se tornava Carmen e se relaxava completamente.

Ela tirou todas as suas roupas e as jogou no chão sem se importar (Dora era muito arrumada e nunca amassaria uma camisa de seda deixando-a no chão), soltou seus cabelos sacudindo-os com força e então me olhou fixamente com um olhar audacioso. "Vamos chamar seu amigo taxista. Vamos tomar uma linha de cocaína juntos os três". "Está louca, cocaína, rohypnol e coca-cola juntos... você não sabe o que pode acontecer". Na verdade, eu não tinha a menor intenção de incluir Luiz nesse estranho acontecimento, tinha descoberto naquele momento que era muito ciumento. Comecei a ficar tonto. Imaginei ser o "C", que controlava "A" e "B" juntos, no apartamento de Dora, com um binóculo. Então me tornei o "D", olhando para o "C" e sentindo poder apenas por controlar três pessoas ao mesmo tempo. Então eu era o "E", que controlava todos, mas ao mesmo tempo era convidado por "A" e "B", que estavam completamente nus, a participar de sua festa. Estava experimentando o

efeito de distanciamento e dissociação da personalidade causado pelo rohypnol na presença de coca-cola.

Fiz amor com Dora, ou melhor, com Carmen, e parecia que Luiz também estava lá e se divertindo muito. Ele falava sobre sua visão contemplativa da natureza enquanto acariciava os seios de Carmen. "Pode-se contemplar a natureza com os olhos da fé e da religião, como eu, ou pode-se ter uma atitude artística e poética, ou mesmo uma atitude científica. As pessoas se enquadram nessas três categorias. Você, Marco, é um 'cientista'. Carmen é uma artista, uma poetisa... aliás, ela é pura poesia, ela é a própria natureza" e enquanto isso ele tocava seus mamilos olhando-a em êxtase.

"Você acredita nas coisas que não podem ser vistas? A fé é suficiente para você?", Carmen perguntou sem se incomodar em ser tocada e admirada por Luiz. 'As coisas que não podem ser vistas', pensei eu, 'mas se está com os olhos presos no corpo de Dora! Isso você vê bem!' "Eu acho que quem quer explicar tudo com a ciência tem uma atitude arrogante", continuou Luiz, "de

acordo com a filosofia indiana, ele vive de forma 'horizontal' e nem mesmo tenta viver de forma 'vertical', ou seja, mais próximo a Deus, ou ao universo, ou ao nirvana, chame como quiser". 'Sim, claro, digamos que você fez uma bela inalação de cocaína', pensei eu. "Então podemos dizer que o cientista vive de uma forma mais pobre... espiritualmente".

"Vocês, por outro lado, vivem como os homens pré-históricos", disse eu cada vez mais irritado com o seu toque sem freios. "Estão dando um passo para trás de centenas, ou melhor, de milhares de anos. Eu posso entender o motivo, um retorno à natureza devido à poluição, à queda de valores, etc. etc. ... mas ainda é um retorno à idade média! Sempre foi assim na história humana, dois passos à frente e um passo para trás. No entanto, sorte nossa, enquanto antes os homens eram quase todos do mesmo tipo, ou seja, homens como você, que acreditam nas coisas que não vêem, agora também existem aqueles que pensam, que observam, medem e explicam. Na verdade, cientistas ou astrônomos existiam

também na antiguidade, mas eram uma minoria e frequentemente perseguidos".

Carmen ria e aplaudia.

"Vamos lá, agora é a sua vez, Luiz!"

"Você não fala com o coração, Marco. Apenas o coração vê bem... Saint Exupéry".

Tive que ter um táxi erudito e viciado em cocaína!

"Coração? Coração e cérebro para mim são a mesma coisa, há um único produto da mente, é você que os separa".

Nesse momento, peguei a mão de Luiz para removê-la do peito de Carmen, mas percebi que era eu quem estava tocando Carmen, como se fosse Luiz. Eu estava confuso. C toca B que toca A, que por sua vez toca C e tudo se recompõe, como por encantamento. É um círculo que se fecha. Por um momento pareceu que eu tinha entendido tudo, então adormeci de repente.

No dia seguinte, eu não me lembrava de nada, é o efeito do Rohypnol. Ao meu lado havia o corpo quente de Dora. Era um corpo tão macio e agradável que eu não teria gostado de me afastar dele nunca. Decidimos tomar café da manhã no Babel, com doce de abóbora e coco e suco da fruta do conde. Naquele dia eu me sentia feliz.

"FRUTO DO CONDE: também conhecido como Pinha ou Annona. Predomina o sabor de banana e damasco, com uma leve sensação de baunilha, creme e chocolate. O fruto é macio, por isso não se pode comer mais de um por vez. Luiz me disse uma vez: 'É uma fruta milagrosa para matar células cancerígenas. É 10.000 vezes mais potente do que uma quimioterapia. Por que ninguém sabe disso? Vou te dizer, porque há organizações multinacionais interessadas em produzir uma versão sintética que lhes rende lucros fabulosos!'"

XXIII

Decidi tirar um dia de folga só para mim, longe do Rio. Na verdade, não fui muito longe. Peguei um ônibus até a Praça Mauá e de lá uma balsa que leva do outro lado da baía, para Niterói, em cerca de vinte minutos. Niterói é a cidade irmã do Rio, de onde se tem uma vista esplêndida da cidade. Há uma frase irônica que os cariocas dizem sobre Niterói para zombar de seus habitantes: "Sabe o que há de mais bonito em Niterói?... a vista do Rio!". Na realidade, é uma cidade bonita, moderna, muito menor que o Rio, mas sem a confusão e violência que caracterizam a maior metrópole. É bom ver o Rio do centro da baía, quando se atravessa de balsa; você está longe da confusão e no pôr do sol parece estar um pouco no Bósforo. Nestes vinte minutos, pode-se relaxar, abandonando aquele estado de vigilância constante que você sempre carrega quando passeia pelo Rio. Há um famoso museu de arte contemporânea em Niterói, o

MAC, projetado por um dos maiores arquitetos do mundo, o brasileiro Oscar Niemeyer, que projetou Brasília. De longe, parece um disco voador pousado em uma rocha terrestre. Nunca o tinha visto internamente e decidi visitá-lo. Lá dentro havia uma exposição de velhas fotos Polaroid. Algumas estavam desbotadas pelo tempo, outras eram estranhas, fotos de detalhes, retirados do contexto.

O efeito era estranho, pareciam fotos tiradas por marcianos que não sabem exatamente o que há na Terra para fotografar e essa ignorância leva-os a capturar coisas sem sentido, como a unha de um polegar, uma borracha americana amassada no chão, uma gota d'água. Uma experiência interessante. Depois, peguei um ônibus que seguia pela estrada costeira até a praia de Charitas, onde há uma pequena vila de pescadores. Conhecia um ótimo restaurante de frutos do mar, bem em frente à praia, e estava com uma fome moderada que combinava bem com o lugar de praia e o belo dia de sol. Assim que me sentei, um cara se juntou a mim na mesa. "Não gosto

daquele taxista. Vamos falar sobre isso." Era novamente o Gennaro, o intermediário. Não havia como passar um dia sozinho, em paz. "Não, Gennaro, vamos falar sobre camarões fritos. Eles os fazem muito bem aqui no Berbigão. O que você acha? Um aperitivo de camarão para começar e duas 'geladinhos'." "Mas eu sou abstinente." "Não posso acreditar, como você consegue viver aqui no Rio de Janeiro?" "Eu bebo guaraná. Então, o taxista. Ele está te seguindo por toda parte. Ele aparece nos momentos mais imprevisíveis do dia e da noite. Ele está te vigiando, acredite em mim. Talvez ele seja alguém que tenha o mesmo papel que eu, pago para vigiar você." "Mas não, isso não faz sentido. Se ele estivesse me vigiando, já teríamos sido pegos. Nossos empregadores já teriam descoberto que nossas relações semanais são reticentes."

"Talvez seja como você diz, mas esse taxista não me convence. Eu poderia segui-lo, vigiá-lo e ver se ele é realmente um taxista e se tem contatos com alguém suspeito. "Se quiser, faça isso, afinal, você também é

pago para espionar pessoas. De qualquer forma, eu gosto do Luiz, ele é um filósofo, como todos os taxistas do Rio, e mesmo que ele me vigiasse, não seria muito diferente do que eu faço com Dora e você comigo." "Na verdade, você transa com a Dora, eu sou o otário. Não é nem um pouco divertido, sabe, ficar atrás de alguém como você. Eu só faço isso porque tenho três filhos em Nápoles para sustentar, senão eu não ficaria nesta cidade de merda." "Mas o que está dizendo? Mas você vê que espetáculo tem diante de si?" Tínhamos uma vista espetacular da Baía de Guanabara, víamos o Pão de Açúcar de uma perspectiva incomum para um turista, como se o vissemos chegando do mar, um pouco como as fotos dos marcianos que eu tinha visto no MAC, e depois o Cristo e a Pedra da Gávea... um espetáculo de tirar o fôlego. "Diga a verdade, Gennaro, não é a cidade mais bonita do mundo?" "Bem, bonita é bonita, o que posso dizer. Mas o golfo de Nápoles que se vê em *Marechiaro*... não se pode comparar!" Comemos camarões e um peixe grelhado, depois dois cafezinhos.

Felizmente, Gennaro saiu logo após o almoço, tinha medo de ser visto em minha companhia. Eu, por outro lado, fui um pouco para a praia.

Eu estava um pouco bêbado. Vi uma jovem mulata, sozinha, deitada tomando sol. Tinha um rosto um pouco oriental. Uma mistura estranha entre África e Japão. "Oi" "Oi" "Posso me sentar?" "Claro que sim", ela disse sorrindo. É incrível, aqui no Brasil você pode iniciar uma conversa na praia com uma desconhecida da maneira mais simples e direta, sem que ela pense que você é um maníaco querendo se aproveitar dela. Quer dizer, provavelmente ela pensa, mas faz parte do jogo e aceita facilmente. Os homens aqui sempre brincam com as mulheres e cortejam elas, e se ela aceitar, sempre há um motel próximo onde você pode ir, fazer amor e depois "não se vê mais", sem muitos problemas. Os motéis não são lugares sombrios como nossos hotéis por hora, geralmente são limpos e modernos e feitos especialmente para fazer amor, então quando você entra, nem mesmo se sente envergonhado. Escolha a sala que preferir, como a

sala "Amazônia", por exemplo, ou "Velho Oeste" ou "Disney", com pôsteres do Mickey e Minnie nas paredes, pague antecipadamente, mesmo por apenas uma hora, e depois vá embora sem precisar mostrar documentos.

Lembro-me uma vez que estava conversando no patamar com minha vizinha Vanir, de repente um homem na casa dos quarenta anos passou por nós, parou na nossa frente e olhou para Vanir, os dois se encararam intensamente por mais de 5 segundos, uma eternidade, depois sorriam e o cara foi embora. Vanir exclamou: "Que idiota! Não dei meu cartão de visita com o número de celular ", "Cartão? Mas você não o conhecia?", "E quem já viu? Mas era um belo coroa!"

"Qual é o seu nome? Eu me chamo Marco."

"Elielza."

"Prazer, Elielza. Você gostaria de um sorvete?"

"Que ótimo!" ela me disse e o gelo já estava quebrado.

O motel que escolhemos se chamava "Foz de Iguaçu", com quartos inspirados na famosa cachoeira brasileira na

fronteira com a Argentina e o Paraguai. O papel de parede do nosso quarto representava fielmente as cachoeiras e o sistema de som reproduzia o barulho delas, além disso, através dos difusores, eram espalhados os aromas típicos da floresta tropical. Não era muito relaxante, mas certamente era impactante. Parecia fazer amor na selva, mas sem os riscos potencialmente associados. Foi uma experiência interessante.

Eu me despedi de Elielza e pedi o número do celular dela para convidá-la para almoçar no Berbigão e passar outro dia agradável com ela.

Por que eu precisava fazer amor com Elielza, quando eu já tinha duas namoradas me esperando no Rio de Janeiro? Não tinha razão. Eu não tinha nenhuma necessidade profunda, exceto por aquele instinto superficial e ganancioso masculino de não perder uma oportunidade que surge do nada. Talvez um leve delírio de onipotência. Era o lado escuro do meu caráter que, às vezes, assumia o controle, o mesmo que me levou ao confuso problema brasileiro em que me encontrava. Nós

homens somos assim... "politicamente incorretos". Peguei a balsa e voltei para o Rio. Naquela noite, eu queria ver a Dora e dormir em seus braços, encolhido junto a ela.

XXIV

Chegou a hora de falar da *rave party* na favela de Guararapes. Sardinha estava organizando antes de ser morto, depois se transformou em uma grande festa em sua homenagem. Almir me convidou e disse para eu trazer meus amigos. Eu imediatamente pensei em Dora, mas ela se recusou categoricamente, odiava esse tipo de festa. Então tentei com Carmen, que aprovou com entusiasmo. Eu também disse a Luiz, que apareceu com uma boa quantidade de cocaína. "Não pode faltar branquinha em um baile funk!" ele disse, com ar de especialista. A favela estava vigiada por traficantes armados que controlavam a situação de cima. Também havia muitos filhos da média e alta burguesia carioca que vinham da zona sul em busca de emoções transgressoras. Para mim era a primeira vez e devo dizer que a princípio não gostei muito. Música martelando, no volume máximo, com graves regulados para entrar na sua

cabeça. Piscando luzes intermitentes, como em uma boate. Latas de cerveja à vontade e centenas de pessoas agitando-se ritmicamente, oscilando o quadril espasmodicamente, para imitar o ato sexual. Nem o velho Almir parecia gostar muito.

"Eu prefiro pagode e forró. Sou meio antiquado, isso aí é coisa de criança. Não entendo mesmo, nem parece música... só barulho. Mas meu Sardinha gostava muito disso."

Já Luiz parecia estar completamente à vontade, cheirando e se agitando no meio da multidão. Parecia conhecer todo mundo. Carmen eu perdi de vista imediatamente, também no meio da multidão dançando. Ela usava uma mini-saia jeans e uma regata justa de algodão escuro, e no pescoço um colar pesado de metal; ela era encantadora como sempre. Em certo momento, para minha grande surpresa, reconheci a professora Pinto sentada em um muro e curtindo o show com uma lata de cerveja na mão. Ela tinha muita coragem de vir a uma

festa organizada para a pessoa que ela mesma tinha mandado assassinar. Aquela mulher nunca deixava de me surpreender.

"Senhora Pinto, o que está fazendo aqui?" "Ah, oi Marco. Bem, eu sou velha mas não quer dizer que eu não possa me divertir também! Brincadeira, é que eu me interessava pelas 'rave parties', eu faço pesquisas para as minhas aulas de psicologia social. Eu me interessava muito pelas novas formas de agregação juvenil. Eu me divirto muito vendo essa mistura improvável de narcos, 'meninos de rua' e ricos burgueses, é uma passarela em que cada um deles ostenta à sua maneira o que possui, a violência representada pelo prestígio social ou o poder, exercido através da violência. É muito interessante, não acha?"

Eu não estava me divertindo muito e comecei a ficar um pouco tonto, mas aproveitei a oportunidade para fazer também um experimento interessante. "Professora, eu gostaria de apresentar Carmen, minha namorada."

"Prazer", disse Carmen naturalmente, como se fosse realmente a primeira vez que estava vendo Pinto. "Marco me falou sobre você. Ele disse que estuda pessoas loucas, e aqui há uma boa amostra delas." "Prazer, Carmen. Eu também ouvi falar de você." "Foi Marco? Bem, espero que ele não tenha dado muita atenção ao que disse, ele não entende muito de mulheres." As duas sorriram com cumplicidade, e eu fiquei fascinado olhando para elas. Duas velhas amigas que se reencontram como se nunca tivessem se visto antes. "Na verdade, foi Dora que me falou de você." "Dora? Quem sabe o que ela disse... ela certamente não aprovaria uma festa como essa. Ela é tão rígida." "No fundo, não me parece tão rígida, e ela te ama." "Sim, sim. Mas ela está sempre julgando os outros." Deixei-as sozinhas para conversar. Na sétima lata de Itaipava, comecei a gostar da festa. A música estava me deixando tonto, mas a sensação me dava prazer estranhamente, e eu mesmo não entendia por quê. No meio da festa, aconteceu algo singular que me pareceu quase ridículo.

Um grupo de traficantes com metralhadoras levantadas desfilou no meio da pista onde todos estavam dançando, em fila indiana. Era uma espécie de pantomima que servia para exibir seu poder, uma verdadeira ostentação de poder. Depois, eles se misturaram com a multidão, oferecendo cerveja a quem quisesse: "A partir de agora, cerveja grátis para todos até o final da festa!". Deveria ficar bem claro para todos que os bailes funk nas favelas eram possíveis apenas graças a eles. "Ótimo! - exclamou divertida a professora Pinto, que no momento tinha filmado toda a cena com seu telefone - Uma autêntica representação tribal!" Um dos traficantes veio até mim, era o novo chefe. Tinham-lhe dito que eu era amigo de Sardinha e ele queria me conhecer, estava curioso principalmente porque eu era italiano. Era um cara magrinho com não mais de 16 anos, se fazia chamar de Galinha, provavelmente para não negar a tradição animal do seu antecessor. "Oi, amigo. Está gostando da festa? Bebe o que quiser, fica a vontade, você é bem-vindo aqui na favela." Enfim, ele fazia as honras da casa. Eu

murmurei algo, tipo "valeu", e fiz o sinal de OK com o dedo, já estava muito bêbado para conseguir colocar mais do que três palavras juntas, mas me enganei, em vez de usar o polegar, usei o dedo do meio.

Foi espontâneo, já falei ... estava bêbado. Galinha me fulminou com um olhar assassino e depois sorriu. "É exatamente como me disseram. Você é durão!" e me deu um tapinha amigável no ombro. Passei mais meia hora conversando com Pinto sobre amor e como o pensamento de homens e mulheres é diferente. Só ela falava, eu não conseguia mais entender e mal conseguia entender o significado do que ela dizia. Lembro apenas de fragmentos sem sentido. "Veja Marco, pegue a emoção como exemplo. Para a mulher, a emoção leva ao sexo, para o homem é o sexo que leva à emoção. Depois de fazer amor, o homem pode se sentir apaixonado e doce. A mulher, por outro lado, quando está apaixonada e doce, pode querer fazer amor. Entendeu?" Naquele momento, eu não conseguia entender mais nada, pareciam conceitos obscuros e complicados. A festa

continuou até de manhã, eu e Carmen estávamos exaustos, Luiz, por outro lado, estava animado e queria nos levar a todo custo em seu táxi para tomar um bom café da manhã em Copacabana e depois fazer um passeio panorâmico pela cidade: "Ao amanhecer, o Rio é realmente 'a cidade maravilhosa'." Nós recusamos, mas a Sra. Pinto aceitou o convite e, com a desculpa do passeio, pediu para ser levada de táxi de volta ao Sheraton. Beijei Carmen por muito tempo, a mulher mais sensual da festa. Você poderia colocar as roupas mais simples nela e ainda assim não conseguiria diminuir sua beleza. Eu estava feliz e bêbado. Cambaleando, descemos a pé da favela até Cosme Velho. Ao descer, ouvimos os rosnados ameaçadores da leoa, que talvez estivesse apenas roncando.

XXV

Aquele garoto está começando a se meter em muitos problemas e é menos burro do que eu pensava. Na verdade, ele é astuto! Ele toma iniciativas imprevisíveis e é difícil encontrar as contramedidas certas. Se continuar assim, ele acabará descobrindo algo e não posso me permitir isso. Ele se cerca de loucos, parece atraído por eles, mas em termos de loucura eu não fico para trás, ah ah ah! Na verdade, tenho muitas coisas para ensiná-lo. Preciso pensar em uma solução rápida caso as coisas se compliquem, como o Roipnol. Em doses normais, causa amnésia anterógrada, você esquece tudo do dia anterior, em doses massivas e com a adição de Coca-Cola, empurra para estados psicóticos, às vezes irreversíveis. Ou eu poderia jogar a carta dos "sucos de frutas", ele adora isso. Seria suficiente dissolver um pouco de estricnina em um suco de açaí ... "Descongele levemente a polpa de açaí, coloque-a no liquidificador com o suco de laranja, um pouquinho de

estricnina e as bananas, bata até obter uma mistura homogênea, delicie-se com este suco maravilhoso, rico em potássio, cálcio, magnésio e outros componentes tão importantes para a sua saúde ..." eh, eh, eh... Mas eu ficaria triste, afinal, ele é simpático. Sempre faz a coisa errada, mas sempre sai de forma brilhante. Estou de olho nele, no primeiro erro ele está ferrado ... como todos os outros.

XXVI

Santa Teresa é um bairro da área central do Rio, situado em uma colina de onde se tem belas vistas da cidade abaixo. Construído no século XVIII, o bairro é rico em ruas sinuosas e escadarias íngremes e suas ruas ainda são pavimentadas com as antigas pedras originais. Durante os anos 60 e 70, muitos artistas, intelectuais e hippies começaram a frequentar o bairro, conferindo-lhe aquela característica atmosfera boêmia que ainda tem hoje. Eles o chamam de "Montmartre carioca". Os numerosos bares e restaurantes típicos atraíram muitos turistas e hoje Santa Teresa tem um certo charme, especialmente por sua intensa vida noturna. Mas a principal atração deste bairro era certamente o bondinho de Santa Teresa, o pequeno bonde amarelo que, passando sobre o aqueduto Arco da Lapa, se inquietava subindo as encostas do bairro, tremendo e freando continuamente, até terminar na Praça Paula Mattos. O bonde estava sempre lotado e muitas vezes você podia ver rapazes pendurados do lado

de fora do bonde, para não pagar a passagem, assim como em Nápoles. Os turistas aguardavam ansiosamente a passagem do bondinho para tirar fotos de lembrança. Tornou-se o símbolo do bairro. Lembrava outros famosos bondes, como o número 28 da zona antiga de Lisboa, que passa pelo Alfama, ou o pequeno bonde vermelho do bairro de Taksim, em Istambul. Então, em 2011, ocorreu o trágico acidente. O bondinho, lotado, perdeu o controle numa curva durante a descida, na Rua Joaquim Murtinho, e bateu numa parede. Cinco pessoas morreram, incluindo o motorista, e outras 57 ficaram gravemente feridas. Descobriu-se que os freios não funcionaram, talvez porque estivessem muito velhos ou talvez devido ao excesso de peso devido à sobrecarga. O serviço foi suspenso, talvez para sempre, e hoje o bairro perdeu um pouco de seu charme. Agora, um mural foi pintado na parede pelos moradores da área para lembrar os mortos e seu amado bonde. Sem o característico bondinho, os turistas vão menos lá e a área se tornou mais triste e menos atraente. De qualquer forma, Dora

costumava me levar ao restaurante/livraria Casa de Artes em Santa Teresa (ela era fissurada em bares/livrarias) e naquele dia estávamos lá, no exuberante e desordenado jardim suspenso do bar, tomando chá e a cervejinha gelada de sempre. Dora estava de bom humor, parecia relaxada, e eu aproveitei para fazer uma pergunta que já vinha querendo fazer há algum tempo. Abordei a questão de forma indireta para não levantar suspeitas. "Diga, Dora, há algum tempo, ao abrir a gaveta da sua cômoda, vi cartões de condolências pela morte do seu marido. Você nunca falou disso... como ele morreu?" "Ele foi assassinado." "Por quem?" "Foi uma mulher, uma desequilibrada." "Por que ela fez isso?" "Ninguém sabe, ela fugiu e nunca foi presa." "Sofreu muito com a perda dele?" Ela sorriu com um olhar um pouco amargo. "Não, aquele homem era um canalha, um violento. Ele me batia... mas podemos mudar de assunto?"

Então ela hesitou por um momento, olhou nos meus olhos como se quisesse descobrir se eu sabia mais do que aparentava. Talvez a Pinto tivesse dito a ela que eu a

havia encontrado e perguntado sobre ela e seu passado. Então, Dora chamou o garçom: "Ei amigo, me faz uma caipirinha aí?" Eu também pedi uma. Depois de tomar alguns goles de caipirinha, ela começou a contar. "Meu marido era muito ciumento e violento. Me acusava de qualquer coisa e via minhas ações como tentativas constantes de traição. Em resumo, era paranoico. Ele contratou um detetive para me seguir. Eu percebi quase imediatamente. No começo, achei divertido despistá-lo ou dar a ele falsas pistas, mas um dia me cansei. O enfrentei e disse que ele era um idiota, que não sabia fazer seu trabalho, que eu havia percebido imediatamente quem ele era e que trabalhava para um imbecil. Ficou mortificado e até se desculpou. Me perguntou como poderia consertar a situação. Me pediu para aceitar um convite para jantar. Eu achei engraçado e concordei. Nós continuamos nos vendo e logo ele se apaixonou por mim. Eu gostava dele, mas não estava apaixonada, mas tenho que admitir que gostava dele. Nem parecia um detetive, era muito tímido e quase

parecia querer se desculpar pelo trabalho não muito honesto que fazia."

Comecei a enviar relatórios falsos ao meu marido, mas não levei em conta o fato de que ele era um paranóico muito suspeito. Era impossível para ele pensar que sua esposa não o traísse. Em vez de se acalmar com os relatórios do detetive, começou a suspeitar dele também, e com razão, já que nos encontrávamos periodicamente em um hotel para fazer amor. Um dia tivemos uma discussão muito violenta, me acusou de ser uma puta, disse que eu sempre o traí com todos, inclusive com o detetive. Começou a me bater até eu desmaiar. Quando acordei, fui forçada a engolir duas ou três pílulas de Rohypnol para me acalmar. As tomei com Coca-Cola, foi um acaso, era a primeira coisa que eu tinha encontrado na geladeira. Eu ainda não sabia do estranho efeito que o Rohypnol tem quando tomado com Coca-Cola. Fui até ele que ainda estava gritando, não tinha parado um minuto de me insultar. Então, enquanto gritava, inesperadamente vi sua pálpebra esquerda

tremendo de maneira irregular, intermitente, repetida, o que tinha algo de repugnante. Vi o branco leitoso de sua esclerótica se tornar quase vítreo. Foi só por um momento, mas me incomodou muito. Depois, não me lembro de mais nada. Você sabe, é o efeito do Rohypnol. Quando acordei, estava em uma clínica psiquiátrica. Soube que meu marido havia sido morto a facadas. Me acusaram e me condenaram, mas me deram atenuantes, pois me encontraram espancada, semiconsciente, sob efeito de medicamentos e disseram que eu estava muito esgotada.

Eu passei sete anos naquela clínica. Agora é água passada. Realmente não sei quem matou meu marido. Eles dizem que foi uma mulher. Mas nunca a encontraram. De qualquer forma, não é algo que me interesse mais. Escute, eu tive uma ideia. Quer ir lá embaixo no bairro da Lapa esta noite? Há um lugar que eu amo, o Rio Scenarium, você conhece?" "Negócio fechado", eu disse, fingindo não estar muito interessado na sua história. Era melhor nos distrairmos um pouco

depois daquelas estranhas e pesadas confissões, eu não queria puxar muito a corda e também estava um pouco chocado com as semelhanças dessa história com a minha. O Rio Scenarium acabou sendo um lugar completamente fora do comum. Um prédio de três andares decorado por dentro com a paixão de um verdadeiro colecionador. Há uma infinidade de objetos, desde instrumentos musicais até brinquedos, ex-votos e carrinhos, todos pendurados nas paredes, e uma infinidade de antiguidades expostas em móveis de vidro. De qualquer andar alto, é possível se inclinar em um balcão central e olhar as cabeças das pessoas dançando samba no andar térreo, em frente a uma orquestra que muda a cada noite. O local está sempre lotado. Nos andares superiores, há mesas e garçons de outras épocas trazem bebidas e comidas (excelentes salgadinhos, bolinhos de bacalhau, coxinhas de galinha e muitas outras delícias). Surpreendentemente, Dora se entregou, me arrastou para a sala do andar térreo e juntos nos jogamos na multidão dançando por uma hora seguida... samba, sambinha,

fórró e uma série de ritmos e danças locais que eu nunca havia dançado antes. Eu improvisei e me diverti muito, mas Dora se revelou uma bailarina experiente... eu nunca a tinha visto dançar tão bem.

Quando saímos do local, à uma da manhã, as ruas ainda estavam muito cheias. Muitos pequenos lugares lotados de pessoas com música que podia ser ouvida desde a rua. Passamos em frente ao Bar das Quengas, um local simpático onde garçons de chapéu preto servem às mesas sob uma centena de sutiãs que pendem do teto. De uma mesa veio uma gargalhada alta. Eu conhecia bem aquela risada, era a típica risada de Carmen. Imediatamente me virei e a vi sorrindo, bêbada, e levantando o copo para fazer um brinde em frente a uma plateia predominantemente masculina. Me virei para Dora para verificar se ela ainda estava ao meu lado e, na verdade, a vi toda sorridente me dizendo: "Para de flertar com todas as garotas bonitas que encontra na rua!". Estranhas piadas alucinatórias devido ao estresse de ter um relacionamento com uma esquizofrênica? Geralmente

são o típico produto dos efeitos do Roipnol misturado com coca-cola, mas naquela noite eu havia bebido apenas algumas caipirinhas. Eu preferi seguir em frente e não verificar se aquela que eu tinha visto na mesa era realmente Carmen, era melhor não aprofundar a questão. Desde que conheci Dora, as coisas mais estranhas estavam acontecendo comigo. Nós nos posicionamos em um canto da rua, na Avenida Mem de Sà, para pegar um táxi e, afinal, o primeiro táxi que parou foi o de Luiz. "Vocês tem sorte, rapazes, a essa hora os táxis são pouco recomendáveis. À noite, não são conduzidos pelos proprietários, são subcontratados a taxistas irregulares que muitas vezes estão completamente chapados de cocaína para ficarem acordados. Não é algo para ficar tranquilo. Ainda bem que eu peguei vocês." "Isso mesmo! - Eu disse e piscou para Dora - Com você estamos em boa companhia... só esperamos que não fique sem gasolina!"

XXVII

Gennaro esperou Luiz pegar o táxi, escondido atrás da carroça de pipoca, e depois o seguiu com sua motocicleta. Era domingo. Luiz foi para Botafogo e depois parou em frente à Igreja Evangélica do Reino de Deus. Gennaro entrou e se misturou com a multidão já numerosa, sentando-se nas últimas fileiras. Luiz estava na primeira fila.

O pastor, vestido com uma camisa branca e gravata, estava falando e perto dele havia outro cara vestido da mesma forma que segurava uma jarra transparente cheia de óleo com um cartão escrito "Óleo das boas novas". O pastor continuou seu discurso:

"Quem de vocês tem um celular no bolso?"

"Caramba", pensou Gennaro, "como è que sabem? É como no cinema, eu sempre esqueço de desligá-lo."

"Quem de vocês tem um celular no bolso, tire-o e agite-o no ar para mostrar."

Metade da multidão reunida agitou seu celular no ar.

"Hoje faremos a unção santa do celular. E como faremos, eu pergunto? Como faremos? Mergulhando o celular neste óleo sagrado. Quantas vezes vocês esperaram por uma boa notícia, seu filho que lhe avisa que chegou a algum lugar, são e salvo, ou seu namorado que lhe diz que te ama e ficará para sempre com você, ou o chefe que lhe anuncia uma promoção? E, em vez disso, muitas vezes vocês tiveram que ouvir outras notícias..."

"Corra, seu filho sofreu um acidente de moto e está internado no hospital, entre a vida e a morte!" ou "É com pesar que informo que a partir de agora você está demitido" ou é o seu namorado que anuncia com candura "desculpa, sinto muito, mas me apaixonei por outra pessoa". E então eu digo CHEGA! Chega de más notícias. Os celulares devem ser os mensageiros da boa

nova. Ungam seus celulares com o óleo da Terra Santa e verão que a partir de agora as boas notícias aumentarão e as más diminuirão. " Houve uma longa fila de adeptos, como na comunhão, para a cerimônia da unção do celular. No final, o pastor lembrou que na semana seguinte haveria outra importante cerimônia, o "lançamento da Bíblia no buraco de água suja". Então chegou a hora da oferta do "dízimo". Começaram com Luiz, na primeira fila. "Irmão Luiz, quanto você ganha por mês? Diga em voz alta, para que todos possam ouvir." "Este mês ganhei 1500 reais." "E quanto você gostaria de ganhar, qual é o seu verdadeiro objetivo, o que você realmente merece?" "5000 reais!" "Ótimo irmão! Devemos ser ambiciosos na vida. Então o seu dízimo será de 10%, não do que você ganha, mas do que realmente almeja. Coloque 500 reais na urna. Obrigado irmão. Vamos para o próximo."

Gennaro ficou na igreja por mais de meia hora, depois decidiu esperar do lado de fora. Ele não queria ser o primeiro napolitano a ter que pagar o dízimo no Brasil.

Depois de um tempo, Luiz saiu e pegou um táxi em direção a Leblon. No final da praia, ele seguiu na direção do Sheraton, exatamente onde a professora Pinto morava. Ele entrou na recepção e saiu novamente, apoiando-se no táxi, esperando. Depois de 5 minutos, a professora Pinto saiu e os dois começaram a conversar. Gennaro não estava muito perto, mas viu que eles estavam falando animadamente, ou melhor, apenas Luiz estava agitado, em um determinado momento ele até levantou um dedo, agitando-o em frente ao rosto da professora. Havia algo errado ali, Gennaro já tinha visto o suficiente, aqueles dois se conheciam e estavam tramando algo. Certamente algo pelas costas dele e de Marco, os dois "toscos italianos". Gennaro pegou o celular, que felizmente tinha evitado de ungir no óleo sagrado, e ligou para Marco contando tudo e dizendo que era necessário se encontrar. "As coisas estão ficando ruins por aqui. Esses dois estão conspirando, não gosto disso nem um pouco. Especialmente aquela professora,

ela é a mente por trás disso. Não sei o que eles estão tramando, mas temos que descobrir."

Na verdade, aquela mulher era um tipo estranho. Durante a festa rave, Luiz espalhou a notícia de que a professora Pinto, anos atrás, havia exterminado toda a família durante as festas de Natal (na verdade, sob efeito de cocaína, ele havia confundido sua história com a da amiga da Tramell, ela havia apenas matado o marido). A professora se tornou de repente famosa na favela. Agora, era muito respeitada. Galinha propôs que ela abrisse um centro de estudos de psicologia para a recuperação das vítimas das drogas (um exemplo típico de esquizofrenia narcos: vendem e espalham as drogas, mas ajudam os habitantes da favela e as próprias vítimas das drogas com doações para criar escolas e centros sociais. É a tática clássica de camuflagem, não se sabe mais quem são os bons e quem são os maus). Enquanto isso, a professora Pinto havia assumido o cargo vago de diretor da Faculdade de Psicologia, graças também às suas teorias inovadoras sobre a psicologia da personalidade.

Eu tomei minha decisão. Ficaria de tocaia para descobrir quem ia buscar os relatórios semanais na caixa postal número 3327. O risco era muito grande. Talvez houvesse uma organização muito perigosa por trás disso. A *camorra*? Os narcos? Talvez o jogo fosse maior do que eu. Talvez eu descobrisse apenas outro intermediário, que teria que seguir esperando descobrir os mandantes. Talvez tudo acabasse em nada. Mas valia a pena tentar.

XXVIII

Esperei pelo dia certo. Fui para um grande correio na região central, na Avenida Rio Branco. Abri a caixa postal número 3327 e inseri o relatório. Depois, fingi ir embora, misturei-me na multidão de uma feira nas proximidades e desapareci nos subterrâneos da estação de metrô Carioca. Em um banheiro, troquei de roupa e finalmente usei a famosa barba falsa de espião que me foi fornecida, além de colocar óculos escuros. Eu tinha preparado tudo com grande precisão com antecedência. Eu tinha que voltar imediatamente ao correio sem chamar atenção e sem perder muito tempo, para evitar que a pessoa que pegaria o relatório o fizesse antes da minha volta. Eu me posicionei em frente ao correio fingindo ser um mendigo pedindo esmola, em uma posição que me permitia controlar a caixa 3327 pela vitrine. Esperei ali por algumas horas e, de vez em quando, a ideia de que o desconhecido já havia pego o

relatório antes da minha volta ou que talvez passaria no dia seguinte ou sei lá quando surgia. Na verdade, teria sido mais prudente e quanto à prudência, meus empregadores pareciam entendê-la muito bem. Quando eu já estava quase resignado e pensando em ir embora, também para não chamar muito a atenção, uma mulher de casaco bege, lenço na cabeça e óculos escuros grandes se aproximou do correio e foi direto para minha caixa. Ela a abriu e pegou o relatório. Ela estava prestes a sair correndo, mas depois hesitou por um momento, parou na saída do correio, a poucos passos de mim, e abriu o envelope. Ao fazê-lo, ela tirou os óculos. Era a Dora!

XXIX

Estávamos no período de Carnaval e Carmen me propôs desfilar no Sambódromo com uma escola de samba. Eu nunca tinha feito isso antes e nunca pensei que seria capaz. "Mas eu não sei dançar samba - protestei - não me aceitariam." "Eles aceitam qualquer um, desde que você pague pela fantasia. Cada escola desfila com várias alas, ou seja, grupos distintos de pessoas. Nós desfilamos por último e só fazemos número. Diante tem a Comissão de Frente, que é a vanguarda da escola, os nossos estarão mascarados com a cabeça de leão, o símbolo da Estácio de Sá, depois tem a Bateria, centenas de percussão que ditam o ritmo do desfile, depois tem o Mestre Sala e Porta Bandeira, os carros alegóricos e a ala das Baianas. Esses são realmente importantes e representam a escola. Nós só temos que nos mover no ritmo da Bateria, seguindo as instruções do nosso líder de ala, e é proibido parar nem que seja por um momento." Escolhemos desfilar com a Estácio de Sá porque eles vendiam as

fantasias mais baratas. A minha fantasia era a do Nababo, o rico com um chapéu de tuba de papelão preto, e um fraque elegante com listras brancas e pretas, com um par de sapatos pretos com pó de prata. Eu estava ridículo. Além disso, tínhamos que aprender o enredo, ou seja, o tema que inspirava a nossa escola de samba. Naquele ano, era uma musiquinha repetitiva sobre a rainha de Sabá, perfumes e muitas outras bobagens desse tipo. Carmen me entregou escrita em um pedaço de papel e disse: "Temos que decorar, mas se você não conseguir pode sempre fingir de cantar e simular com a boca". Estas palavras absurdas sobre a história dos perfumes ao longo dos séculos estavam escritas no papel:

Canta, meu povo
Mê dê o seu calor
Sou fumaça perfumando a passarela
Sou a Estácio, na magia do amor

Minha vida é história
Noé no Ararat me usou
Em agradecimento
Ao criador
Na minha epopéia de glória
Andei na Babilônia, do Deus Baal

Em Jerusalém, a Rainha de Sabá
Jogava seu perfume
Pra seu amor conquistar
No Olimpo, minha fragrância aconteceu
Em Roma, ganhei meu apogeu
Na Judéia, Salomão caiu nas malhas da sedução
Dos Reis Magos, meu poder, meu coração
Das cruzadas, passei à Europa medieval
De rei, rainha e Imperatriz
Sou oriundo do vegetal
E também do animal
Nos índios e negros
Simbolizei a fé de um país
Com a lança-perfume embriaguei
Arlequim, Colombina e o Pierrô

No carnaval sou o sonho de esplendor
Sou a rosa a exalar o perfume da flor.

"Marquinho, eu sei que é difícil lembrar de tudo, mas pelo menos você tem que aprender o refrão. Vamos, são apenas duas estrofes." "Ouça Carmen, eu queria te perguntar há algum tempo. Como você conseguia dormir com aquele brutamontes do Sardinha? E então... com aqueles tornozelos!" "Bobo! Foi justamente por causa deles que eu gostava dele! Ele queria que eu o chamasse de Tornozelos, permitia apenas a mim. Se alguém mais fizesse isso, mataria a pessoa."

Entenda as mulheres!

Chegamos ao grande momento. Era meia-noite. Nossa escola de samba era a próxima a entrar no sambódromo. Enquanto a escola anterior desfilava, estávamos confinados em uma rua, bem na entrada do sambódromo, presos entre duas portas. Ninguém podia nos ver. Durante essa hora de espera, todos faziam os últimos preparativos para o grande desfile. Esse foi o momento que eu lembro com mais prazer. Eu estava andando pelas diferentes alas, observando as mulatas seminuas que ajustavam os seios em sutiãs minúsculos feitos de pérolas entrelaçadas ou negros com peitos poderosos, que muitas vezes se revelavam ser bichas, depois havia os maravilhosos carros alegóricos e, ao andar pelas primeiras fileiras, reconheci um par de atores muito famosos de telenovelas que eram testemunhas da escola.

Então chegou o nosso momento. A cancela se abriu e, após uma curva pequena, entramos no sambódromo. Foi uma sensação avassaladora. Fomos recebidos por um

estrondo. Milhares de pessoas nos aclamavam das arquibancadas e eu, completamente atordoado, me vi de repente sob os holofotes de um grande palco. Toda a cidade era a plateia. A sensação que tive foi a de ser um cavalo de corrida, que não pode parar nunca, deve correr e correr, sob os estímulos de uma multidão impiedosa, e é melhor não parar. Me sentia como se estivesse sob efeito de uma droga. Não sabia que o estímulo do público poderia ter esse efeito. A bateria também contribuía para isso; se você está desfilando próximo à bateria, entra quase imediatamente em um estado de transe. O ritmo repetido infinitamente faz esse efeito, experimente para acreditar! Eu também pensei que era um corredor de 100 metros que, em 10 segundos, sem respirar, deve dar tudo o que tem, exceto que, no nosso caso, tudo estava dilatado no tempo, nossa apresentação deveria durar uma hora. Esse efeito de dilatação do tempo, combinado com o estado de hipnose gerado pela torcida e pela bateria, causou em mim um efeito de câmera lenta. Eu via tudo em câmera lenta, apareciam na

minha frente como flashes, que duravam alguns segundos: detalhes do público, rostos agitados de pessoas gritando, um cara acendendo um cigarro, outro dormindo, uma menina chorando, uma mulata na minha frente que coçava a bunda e ajeitava sua calcinha que cortava sua racha, e então de repente eu vi Dora, na arquibancada, me olhando severa.

Ela me fulminou com um olhar. Depois, tudo desapareceu e eu vi apenas Carmen ao meu lado, linda, dançando com a sua habitual graça, usando um sutiã trançado com motivos florais e uma calcinha minúscula, praticamente uma concha na frente, tipo a da Shell, e três fios de ouro trançados atrás. O seu era um bumbum diferente dos outros, era um bumbum italiano, delicado, mais pequeno e discreto, e talvez por isso se destacava mais no meio das mulatas. Depois, ela tinha penas de pavão que partiam de uma tiara presa na testa. Continuei a me mover de maneira hipnótica por cerca de uma hora, perdendo o sentido das coisas ao meu redor. Já não sabia se era samba, um movimento descoordenado e

automático do corpo, ou uma dança propiciatória ao estilo das tribos de peles-vermelhas da América. Depois de uma hora exata, nem um minuto a mais nem um minuto a menos, senão a nossa escola seria penalizada, chegamos ao final do sambódromo e, assim que saímos, nos dispersamos desordenadamente. Era uma da manhã e nos encontramos em um bairro escuro e isolado na periferia do Rio, completamente destruídos. Não havia mais ônibus naquela hora e já estávamos nos resignando a voltar para casa a pé quando, de repente, um táxi parou na nossa frente. "Ei amigo, uma carona?" Era Luiz! O homem certo na hora certa. Ah, esqueci. A Estácio de Sá naquele ano foi rebaixada para a categoria inferior, motivo pelo qual Luiz me zoou por muitas semanas. Ele contava para todos que a escola tinha sido rebaixada por causa do *gringo* italiano.

XXX

"Dora!" Eu fui em direção a ela, mas na surpresa esqueci de tirar os óculos e a barba falsa. Ela se assustou, mas quando me reconheceu, ficou desorientada. O olhar assustado de uma criança que acabou de ser pega pelos pais com as mãos na massa. Eu a agarrei pelo braço com energia e a levei para um bar próximo. Havia muitas coisas que ela teria que me explicar. "É uma longa história - ela começou - como já te disse, comecei a namorar aquele detetive em Roma, aquele contratado pelo meu marido para me espionar. Já fazia um mês que nos encontrávamos para fazer amor. Escolhíamos sempre hotéis diferentes para não chamar a atenção. Um dia, enquanto estávamos na cama de um desses hotéis anônimos, a porta se abriu de repente. Era meu marido. Nem conseguimos nos defender." Nesse ponto da história, Dora teve uma mudança estranha. Repentina, como aquela que já tinha visto uma vez sob o efeito do Rohypnol. Entendi imediatamente que não era mais ela

quem falava, mas Carmen. Falava de Dora em terceira pessoa e isso me causou um estranho efeito desorientador. "O marido de Dora se jogou no detetive e com um gesto rápido, de especialista, quebrou o osso do pescoço dele. Foi num instante. Ele nem percebeu. Dora ficou na cama, completamente nua, com a cara boba. O marido a vestiu rapidamente e a levou para casa. Lá, ele a espancou. Acho que ele queria matá-la, mas lentamente. Gritava como um louco, dizia as coisas mais obscenas. Então ela viu aquele tremor na sua pálpebra esquerda. Era um tremor imperceptível, mas ela não aguentou. Foi como um sinal, uma voz que lhe sugeria o que fazer. Foi à cozinha e pegou uma faca grande. Apontou direto para a carótida do marido. Não sei como conseguiu matá-lo. Era um ponto vulnerável, mas muito pequeno como alvo, bastava um nada para errar o golpe. Em vez disso, foi precisa e rápida. Um único golpe foi suficiente, depois ela desmaiou."

O período que passou no hospital psiquiátrico não foi tão ruim assim. Sete anos passam rápido. Desde então, Dora

retomou uma vida normal, embora sua vida amorosa com homens seja bastante normal, ela não consegue ter um relacionamento com um homem se não for espiada ou seguida primeiro. Somente assim as coisas funcionam para ela. A ideia dos anúncios veio quase imediatamente. Procurar homens de forma discreta, ou seja, por meio de um intermediário, e depois ser espionada por eles até despertar sua curiosidade e interesse mórbido. Foi assim com você também. Enquanto Gennaro te entrevistava, Dora te observava secretamente de uma mesa próxima, ouvia sua voz, via como você se movia, avaliava sua aparência física. Com você, ela decidiu quase imediatamente. Ela escolheu você. Ela disse a Gennaro que você era o homem certo. Naturalmente, Gennaro nunca tinha visto o rosto de Dora, nem sabia que era uma mulher. Você era bonito. Tinha um rosto um pouco intelectual, de escritor quebrado, e ela adora esse tipo de pessoa. Ela lê muito. Ela é obcecada por clássicos. Ela diz que os verdadeiros romances, os únicos que podem realmente ser chamados de romances, foram todos

escritos no século XIX. Você olhava para Dora com binóculo e ela gostava de ser observada, fazia de propósito para não se despir completamente. Você ficava excitado e ela ficava excitada.

"Enfim, era apenas um jogo. Ela nunca se apaixonou por mim." "Mas não, não se preocupe. No começo era um jogo, mas depois ela gostou de você. Só que você também me agrada e isso é um problema. Digamos que seja a maneira dela de reviver o trauma sofrido. Ela o revive mil vezes. Está como uma prisioneira disso. Tenho pena de Dora. Ela gostaria de poder sair desse estado, mas não consegue, mesmo estando muito melhor aqui no Brasil. Eu me sinto ótimo aqui, é o lugar ideal para mim. E então, por que não paramos de falar sempre sobre Dora... que tristeza. Por que não tomamos um suco de frutas, aqui eles fazem um suco com a fruta jaca, que é delicioso."

SUCO DE JACA: A fruta, com a casca enrugada, pode atingir tamanhos extras e pesar mais de 20 quilos. É a

maior fruta do mundo. E o mundo se divide em duas opiniões sobre essa fruta. Há quem diga que tem um cheiro insuportável, como cebola estragada. (Muitas vezes é confundida com a fruta durian, uma fruta tailandesa cujo cheiro já foi descrito de muitas maneiras: doce e nauseabundo como carne apodrecida, cheiro de esgoto, de vômito, de suor velho, ou de esterco de animal). Outros dizem que seu sabor é delicioso, com gosto semelhante ao da maçã, do abacaxi e da banana, com um retrogosto de baunilha. Suas sementes são cobertas por uma polpa branca, suculenta e viscosa. Tão viscosa que, se você não untar as mãos com óleo de coco antes, seus dedos ficam completamente grudados por causa do seu látex. De qualquer forma, é bom ver essa fruta pendurada na árvore. Parece um presente de Natal preso ao caule para decorá-lo. Mas se cair na sua cabeça, você está acabado!

Eu tinha uma multidão de perguntas aglomeradas em minha mente, estava confuso. Sentia-me enganado, até

mesmo usado. A Johnson & Johnson falhou em todos os aspectos, eu não tinha entendido nada sobre ninguém e, no final, eu era o único que não sabia como as coisas estavam; talvez apenas Gennaro soubesse menos do que eu. Dora estava realmente apaixonada por mim? Luiz e Pinto, que certamente se conheciam, estavam rindo às minhas costas? Talvez Almir, meu amigo arrombador, fosse o mais sincero. Mas eu, afinal de contas, também tinha sido sincero com eles? Eu era realmente o que mostrava ser? Decidi que não era necessário quebrar muito a cabeça com isso, afinal, eu gostava da vida que estava levando.

XXXI

Depois dos últimos acontecimentos, decidi voltar para a Itália, mas antes de fazê-lo, precisava resolver uma última questão. Eu fui levado por Luiz até o topo da Pedra da Gávea, onde as pessoas saltam de parapente. Eu queria fazer o meu voo. Não pensei muito sobre isso, senão o medo poderia voltar. Coloquei o arnês e subi na plataforma com o instrutor. Estava olhando fixamente a bandeirinha para saber quando era o momento certo. Quando a vi esticada e horizontal, comecei a correr, mas o instrutor me parou. "Ei, amigo, sou eu quem decide. Fique calmo. Não fique nervoso, nada vai acontecer com você". Eu respirei fundo e pensei que, afinal, era como pegar um avião. Você confia no piloto, mesmo sem conhecê-lo, e na ciência, mesmo sem entender como uma montanha de aço daquele tamanho pode ficar no ar sem cair. O mundo todo é baseado na confiança. É preciso acreditar, ter fé de que a outra pessoa sabe fazer bem o seu trabalho. Não havia motivo para que não fosse

assim. Quando chegou a hora certa, ele me fez um sinal de entendimento e começamos a correr juntos. Vocês não podem entender a emoção nos primeiros segundos em que se joga no vazio. O medo te pega na barriga e você pensa "pronto, acabou!". Então, vê que fica suspenso, não cai, está voando leve e, assim, ganha confiança. Sabe com certeza que mais nada pode acontecer com você. É exatamente como no avião, uma vez que está no ar, não pensa que mais nada pode acontecer com você.

O feio é a partida e a chegada. Assim como aconteceu comigo durante o desfile no sambódromo, desta vez experimentei o efeito *ralenty*, mas não foi devido ao estado de transe, aqui não havia bateria nem pessoas excitadas te incentivando como se você fosse um animal, em vez disso, experimentei uma sensação de segurança e paz absoluta. Só sentia o ruído do ar em contato com o tecido do parapente, era um som lindo. E então comecei a pensar livremente. O voo durou cerca de vinte minutos e então tive todo o tempo para pensar. Nesse intervalo de

tempo, refleti sobre o fato de que poderia ter morrido logo no início da minha aventura brasileira, queimado por Sardinha, mas ele morreu em vez disso. Pensei que em apenas um ano coisas extraordinárias tinham acontecido comigo e que provavelmente, quando voltasse para a Itália, nada memorável me aconteceria, nem o que aconteceu em todos os anos anteriores da minha vida. Eu tinha embarcado em um relacionamento sentimental muito arriscado, mas sentia que amaria ambas as minhas mulheres, cada uma à sua maneira. Talvez pudesse ter ficado nessa cidade, vista do alto parecia realmente a "cidade maravilhosa". Nessa perspectiva, só se via sua beleza, nenhuma favela, nenhuma violência, nenhuma pobreza, apenas floresta intocada, mar, praias branquíssimas, montanhas com formas únicas... Gennaro talvez comentaria que era quase tão bonita quanto Nápoles. Eu poderia ter ficado; naquele momento, durante o voo, pensei nisso, quase tive um arrependimento, mas havia algo que me segurava. Era como comer uma fruta deliciosa, mas

muito madura, depois de um tempo me nausearia. Era demais para mim. Provavelmente, porém, a vontade daquela fruta voltaria para mim no futuro, muitas e muitas vezes. Este é o verdadeiro significado da saudade brasileira. Rio de Janeiro... cansa quando você está lá, sente falta quando está longe. De repente, percebi que o voo tinha sido tão relaxante que parei de pensar, só deixei o vento me levar sem pensar em mais nada. Era como se eu tivesse entrado em um estado paralelo de consciência, um estado muito semelhante ao alcançado pelo efeito do Roipnol. A chegada foi minha obra-prima. Aterrissei na praia de São Conrado, tocando o chão com uma naturalidade absoluta, como se sempre tivesse feito isso. Até o instrutor me parabenizou. Lá embaixo na praia, Luiz estava me esperando com o táxi. "Foi incrível! Eu te assisti de baixo e você parecia uma grande águia. Bravo Marquinho, teve coragem. Merece uma cerveja gelada, vamos lá, garoto!"

XXXII

Entrei no supermercado e a reconheci imediatamente. Era a velhinha que eu tinha encontrado no meu primeiro dia no Rio de Janeiro, aquela que me recomendou os sucos da Clyte. 'Aqui, o círculo se fecha', pensei. "A senhora se lembra de mim?" "Não. E por que eu deveria me lembrar de você, jovem?" "Se lembra ... aqui no supermercado ... me recomendou escolher o suco de manga da Clyte, o melhor de todos ..." "Sim, na verdade é o melhor, não há dúvida sobre isso, meu marido gostava muito. Ele morreu há dois anos, que sua alma descanse em paz. Sabe, bebíamos o suco de manga juntos enquanto assistíamos novelas na televisão. Flor do Caribe e Escrava Mãe eram seus favoritos ..." "Bem, a senhora está enganada. Há um ainda melhor, o suco de graviola." "O que está dizendo! Você é um grande mal-educado. Se você não parar de me importunar, vou chamar a segurança." Quando saí do supermercado, olhei

novamente para a velhinha e gritei: "Lembre-se, suco de graviola, seu marido teria adorado!"

SUCO DE GRAVIOLA: é branco, um pouco viscoso. Adquire pastosidade a cada hora, depois de dissolvido na água. O fruto inchado parece uma mina marciana, pronta para explodir com a primeira variação de temperatura. O sabor é doce e ácido ao mesmo tempo. É uma verdadeira delícia.

XXXIII

Eu queria rever Elielza pela última vez para me despedir. Nós nos encontramos no Berbigão para almoçar. Comemos argolas de lula fritas como aperitivo e uma bela paella de peixe com frutos do mar. Bebemos cerveja, é claro. Depois do café, ela me fez essa amarga confissão: "É melhor eu te contar, já que você está partindo e quem sabe se vou te ver de novo. Sabe, daquela vez que nos encontramos na praia, na verdade, não foi por acaso. Uma senhora bastante jovem, com um lenço de flores e óculos escuros, me contratou e me pagou muito bem para tentar te encontrar de uma forma que parecesse casual e tentar te seduzir. Bem, não foi tão difícil, o que você acha? Para os homens, basta fazê-los acreditar que são eles que estão te seduzindo e pronto. Na verdade, é a mulher que decide tudo. E pensa que eu sou também lésbica, e tenho namorada, uma morena com um cuzinho que me deixa louca! No começo, nem queria aceitar, mas aquele trabalho pagava bem e não me

importava em tentar um relacionamento hétero. Devo dizer que não foi tão ruim. Você foi legal. De qualquer forma, é completamente diferente com mulheres! Mas se quiser, podemos voltar para o motel..."

Dora era realmente uma mulher inquietante. Ela queria me testar! Ou simplesmente se excitava com a ideia de eu estar com outra mulher? Decidi não falar com ela sobre isso. Preferia conhecer esses seus lados ambíguos sem que ela soubesse. Assim, eu teria uma vantagem sobre ela. Mas fiquei um pouco chateado por não ter conquistado Elielza com minhas habilidades sedutoras. Em outras palavras, minha vaidade masculina ficou um pouco machucada. No fim, fui ao motel com Elielza, apesar de minha autoestima ferida? Sem comentários.

Homens... "politically incorrect!"

XXXIV

O que dizer sobre Dora? Eu tinha sido um pouco usado por ela, como em um experimento. Eu poderia ter ressentido disso. Eu poderia ter me afastado dela ou ter ficado assustado com sua imprevisibilidade. Em vez disso, eu gostava dela assim, diferente, frágil e cheia de facetas inquietantes. Eu e Dora nos casamos (com a permissão de Carmen) antes de partirmos do Rio. Fizemos uma cerimônia um pouco fora do comum. Luiz nos casou, que entretanto se tornara pastor da igreja do Reino de Deus, e o fez na floresta da Tijuca, na pagoda hexagonal da Vista Chinesa, de onde se tem uma vista soberba da cidade: a Lagoa Rodrigo de Freitas, o Pão de Açúcar e as belas praias da Zona Sul. Os únicos convidados foram meus amigos do Rio, Almir, a senhora Pinto (cujo nome de batismo eu nunca soube), Gennaro e Elielza, que tinha vindo com sua namorada. Sardinha faltava, que afinal tinha sido sacrificado pelo bem de

todos nós. No final da breve cerimônia, fomos para o centro, perto da rua do Ouvidor, onde há um local onde se come em pé, ao ar livre, sardinha frita e cerveja gelada. Está sempre cheio de pessoas. Então fomos para a praia de Copacabana. Estávamos todos um pouco felizes e meio bêbados.

E Luiz? E quanto a ele? Eu tinha me convencido de que ele não era um espião contratado por Dora, eu até tinha perguntado a ela, mas ela riu e disse: "Você é realmente um paranoico! Vê espões em todo lugar!" Eu desisti, com Dora nunca se sabia onde estava a fronteira entre realidade e ficção. Mas Luiz era como um anjo da guarda. Ele gostou de mim desde o início e me seguia constantemente para me proteger. Talvez fosse sua missão na vida, ser o anjo da guarda de alguém, era seu sonho. Certamente deveria depender de sua atividade na igreja evangélica. Eu soube que cada um devia encontrar sua própria tarefa a cumprir.

Quando ele nos acompanhou ao aeroporto, em seu táxi naturalmente, Luiz fez uma parada na Ilha do Governador, uma área do Rio perto do aeroporto, onde, segundo ele, fazem os melhores pãozinhos de queijo da cidade toda. "Lembre-se, um taxista no Rio é um amigo, um conselheiro e um filósofo. Se você voltar a esta cidade, não se esqueça de me ligar. Só peço um favor. Eu coleciono aqueles souvenirs... sabe, as cidades do mundo sob uma cúpula de vidro, aquelas com a neve que cai quando você as sacode. Pode me enviar um de Roma... o Coliseu sob a neve ou mesmo a cúpula de São Pedro? Isso me faria feliz!"

No aeroporto, Pinto também estava lá para se despedir de nós. Lembro-me que ela disse a Dora: "Querida, nunca se cure. A doença é garantia de diferenciação da multidão, é pura evolução, não se progride com simetrias e com saúde mental, a informação e o progresso passam pela diversidade e pelos pontos de descontinuidade. Você é uma dessas pessoas, é uma escolhida. Marco,

agarre-a, você é um homem sortudo. E você, Dora, não se deixe tentar a matá-lo como costuma fazer com seus maridos, seria uma verdadeira pena." Ela sorriu da piada com ar irônico, mas na verdade, ela também sabia muito sobre esse assunto.

No aeroporto, comemos os pãozinhos de queijo que Luiz nos comprou e bebemos o último suco de fruta exótica da minha incrível temporada no Rio de Janeiro. Era o suco mais simples e talvez o mais gostoso de todos...

SUCO DE ABACAXI: É o nosso suco de ananas, mas aqui tem outro sabor. É ótimo quando tem muita espuma (tem que colocar pouca água e beber gelado). Não é recomendado quando o estômago está um pouco pesado, dá acidez. Na língua indígena tupi, a palavra abacaxi significa 'fruta muito perfumada'. Pesquisando na internet, encontrei essa estranha pergunta de uma usuária: 'Pessoal, alguém pode me dizer se é verdade que o esperma, depois de comer abacaxi ou mascarpone, tem um sabor mais agradável?' Resposta de outra

mulher: 'É sempre assim, querida, mas com qualquer fruta e legume. Já a carne, o peixe e os embutidos dão a ele um sabor decididamente mais amargo.'

Vocês podem tentar, mas na minha opinião é mentira.

XXXV

Agora eu vivia em Capri com Dora. No verão, íamos todas as manhãs a Marina Piccola, para pegar o primeiro sol. Dora estava deitada em seu canga brasileira, eu estava lendo o jornal. De repente, virei e olhei para cima, entre os arbustos da mata. Ele estava lá, nos vigiando com seu binóculo. Gennaro, o homem C eterno. Foi uma ideia minha, já que depois do Rio ele ficou desempregado e eu sentia um pouco de pena. Conversei sobre isso com Dora e ela aceitou com entusiasmo. Nós o contratamos para nos vigiar à distância. Era uma coisa reconfortante, afinal, ele seria o nosso espião pessoal, como nos velhos tempos.

Eu estava feliz com minha esposa. Ela era Dora e também era Carmen, mesmo aqui na Itália quase sempre sendo Dora. Eu era Marcus e às vezes era Pinkus, da Johnson & Johnson, assim como nos velhos tempos.

Lembro que quando era pequeno, eu sempre jogava sozinho, era filho único. Vivi com a minha avó, já que meus pais morreram em um acidente de carro. Eu inventei um jogo que jogava por horas, jogava de detetive com Pinkus, meu irmão imaginário. A avó me ouvia falar sozinha e entrava no quarto curiosa.

"Marco, com quem você está falando?"

"Com Pinkus, meu colega detetive. Estamos seguindo um caso muito complicado. Dessa vez é assassinato! Uma mulher matou o marido em circunstâncias muito misteriosas, estamos investigando."

A avó começou a rir e me deu um tapinha afetuoso na testa.

"Você tem mesmo muita imaginação!"

